

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUANA GABRIELA PASLAWSKI

**OS HOMENS NEGROS EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *CANÇÃO PARA NINAR*
MENINO GRANDE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Vitória
2024

LUANA GABRIELA PASLAWSKI

**OS HOMENS NEGROS EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *CANÇÃO PARA NINAR*
MENINO GRANDE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura: Alteridade e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Michele Freire.

Vitória

2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

P277h Paslawski, Luana Gabriela, 1999-
Os homens negros em Ponciá Vicêncio e Canção para ninar menino grande, de Conceição Evaristo / Luana Gabriela Paslawski. - 2024.
105 f. : il.

Orientadora: Michele Freire.
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Evaristo, Conceição. 2. Escritoras negras. 3. Feminismo - Brasil. 4. Racismo. I. Freire, Michele. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 82

LUANA GABRIELA PASLAWSKI

**OS HOMENS NEGROS EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *CANÇÃO PARA NINAR*
MENINO GRANDE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Aprovada em 22 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Michele Freire
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Examinador externo

Profa. Dra. Maria Mirtis Caser
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora interna

Profa. Dra. Jacqueline Laranja Lea Marcelino
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora externa suplente

Profa. Dra. Andressa Zoi Nathanailidis
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora interna suplente

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial minha mãe, Raquel, quem me apresentou o mundo da literatura e nunca mediu esforços para me ajudar, mesmo longe. Nada disso seria possível sem seu apoio.

Ao meu companheiro de vida, Vitor, pela paciência em ouvir minhas inquietações e cada nova descoberta, por comemorar comigo cada singelo passo dado ao longo da pesquisa. Também sou grata pela família que me deu aqui em Vitória, Joana, Armando (*in memoriam*), Amanda e Zuil, os quais me fizeram sentir acolhida nessa mudança.

Aos meus amigos de Porto Velho, Rebeca, Sabrina, Wender e Aline, mesmo com os encontros eventuais devido à distância, sei que sempre posso contar com vocês. Sou grata pela amizade de cada um.

À minha amiga de longa data Leilane, pela paciência de ouvir meus longos áudios, com quem me senti sempre confortável em compartilhar a vida.

À minha amiga Taynara, um presente em minha vida aqui em Vitória, cujo apoio me ajudou a seguir firme durante esse período, sempre companheira e atenciosa. Sou grata pelas trocas nos nossos “cafés com lágrimas”.

Aos colegas e professores do PPGL com quem tive o prazer compartilhar momentos em aulas, eventos, dentro e fora da Ufes, em conversas importantes para o meu amadurecimento enquanto pessoa e pesquisadora, em especial aos amigos Jerson, Katiane, Thiara e Josiane.

À minha orientadora Michele, que me ajudou com leituras e sugestões generosas com um compromisso sempre decolonial durante toda a pesquisa.

À professora Mirtis Caser, pelo olhar atento e pelas sugestões de leituras, que contribuíram em muito para a pesquisa, além da parceria na Comissão de Bolsas.

Ao professor Henrique Marques Samyn, cujas contribuições na defesa foram essenciais para a correção e conclusão da dissertação.

Às professoras Jacqueline Laranja Lea Marcelino e Andressa Zoi Nathanailidis, por aceitarem o convite para fazerem parte da banca.

À CAPES, cujo financiamento da pesquisa durante o segundo ano foi fundamental.

Nervosamente,
eu sento-me à mesa e escrevo...
Dentro de mim,
deixa passar o meu povo,
“oh let my people go...”
E já não sou mais que instrumento
do meu sangue em turbilhão

- Em “Deixa passar o meu povo!”, de Noémia de Sousa.

RESUMO

O objetivo é analisar a ficcionalização dos homens negros nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, com ênfase na intersecção das opressões de gênero, raça e classe. Pretende-se observar, a partir da construção dos personagens, os impactos das opressões de classe e raça, vistas como condições que os impediriam de exercerem em sua totalidade a masculinidade hegemônica patriarcal, aderindo às imagens de controle atribuídas a eles, de seres violentos e hipersexualizados, sem perceber que, mesmo de maneira distinta das mulheres, os homens também têm suas identidades sociais determinadas, além de assimilarem e reproduzirem as práticas sexistas, por isso a necessidade de repensar o modelo de masculinidade hegemônica seguido por eles. Homens e mulheres negros(a)s compartilham de bases muito próximas, permitindo estabelecer um plano mais igualitário de convivência, mesmo porque, em se tratando das questões de raça e classe, ambos são afetados de maneira muito semelhante. Com isso, espera-se apresentar a literatura de Evaristo à luz da crítica feminista negra na perspectiva das pensadoras bell hooks (2022), Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2021), e da crítica do racismo estrutural por Silvio Almeida (2021), repensando as hierarquias que se estabelecem diante da diferença que, quando vista como inferior, é consequentemente subordinada. Considerando a natureza teórica da pesquisa em Estudos Literários, as modalidades e técnicas adequadas foram as leituras exploratória, analítica e comparativa das bibliografias básica e complementar.

Palavras-chave: Conceição Evaristo - *Ponciá Vicêncio* e *Canção para ninar menino grande*. Homens negros. Raça. Classe. Gênero.

ABSTRACT

This thesis analyzes the fictionalization of black men in Conceição Evaristo's novels *Ponciá Vicêncio* and *Big boy lullaby*, emphasizing the intersections of gender, race, and class oppression. It examines how these forces limit the characters' ability to conform to hegemonic masculine ideals of control, violence, and hypersexuality. Acknowledging that black men are also socially constructed and can perpetuate sexism, the thesis calls for a rethinking of traditional masculinity models. Drawing on black feminist thinkers like bell hooks (2022), Lélia Gonzalez (2020), and Carla Akotirene (2021), as well as Silvio Almeida's (2021) critique of structural racism, this study explores how shared experiences of oppression could pave the way for a more egalitarian coexistence between black men and women. This analysis challenges the hierarchies established when difference is perceived as inferiority, leading to subordination. Employing the theoretical framework of Literary Studies, this research utilizes exploratory, analytical, and comparative readings of the primary texts and relevant critical works.

Keywords: Conceição Evaristo - *Ponciá Vicêncio e Canção para ninar menino grande*. Black men. Race. Class. Gender.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <i>A Redenção de Cam</i>	91
Imagem 2: <i>Desdobramentos sobre sankofa</i>	92
Imagem 3: <i>Sankofa</i>	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. RAÇA E CLASSE: ORIGEM DOS PAPÉIS QUE RESTRINGEM.....	18
1.1. A LITERATURA E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA	27
1.2. LUANDI JOSÉ VICÊNCIO	31
1.3. VÔ VICÊNCIO	39
1.4. PAI DE PONCIÁ.....	43
1.5. MARIDO DE PONCIÁ	47
1.6. SOLDADO NESTOR E NEGRO CLIMÉRIO	50
1.7. FIO JASMIM E OS MAQUINISTAS.....	53
2. GÊNERO: HOMENS NEGROS E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA.....	57
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEUS PAPÉIS.....	58
2.2 VIOLÊNCIA E PATRIARCADO NOS ROMANCES.....	70
2.3 A SEXUALIDADE MASCULINA.....	80
3. DE PONCIÁ VICÊNCIO A CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE	86
3.1. EXPLICITANDO O PROJETO DA ESCRIVÊNCIA	93
3.2. CAMINHOS PARA SE REPENSAR A MASCULINIDADE NEGRA.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

De acordo com Conceição Evaristo (2009), desde a década de 1970, sob influência do Movimento Negro Brasileiro, aqueles que se identificam como afro-brasileiros voltaram seus olhares para a África, aumentando a visibilidade de um discurso que se caracteriza na literatura pela linguagem enfática expondo a realidade do negro no Brasil e a busca por recuperar as culturas africanas e afro-brasileiras em diáspora, a partir da junção de cinco componentes: “[...] a temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público” (Duarte, 2014, p. 277).

Essa escrita se faz necessária, pois evidencia questões antes ignoradas ou silenciadas, cujo espaço vem sendo construído ainda muito recentemente. Reescrever aquilo que foi mal contado faz parte do esforço de questionar determinadas representações caricatas que perduraram legitimando ou até conduzindo a compactuar com determinadas visões preconceituosas sobre os grupos chamados de minorias.

Conceição Evaristo nasceu em uma favela na cidade de Belo Horizonte (MG) e migrou na década de 1970 para o Rio de Janeiro. Formada em Letras pela UFRJ, atuou como docente da rede pública de ensino. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), autora de diversos contos publicados em coletâneas e oito obras individuais. Destacamos, dentre seus trabalhos, o primeiro romance publicado, *Ponciá Vicêncio*, de 2003, objeto de estudo desta pesquisa e seu último romance publicado até o presente momento¹, *Canção para ninar menino grande*, de 2018. Atualmente, há um interesse crescente nas produções da autora, visto na extensa fortuna crítica², além de livros traduzidos para o francês, inglês e alemão (Evaristo, 2017). Constância Lima Duarte (2020) ressalta

¹O mais recente livro da autora não é um romance. *Macabéa: Flor de Mulungu*, ilustrado por Luciana Nabuco, foi lançado pela Oficina Raquel em novembro de 2023. Trata-se de uma versão ampliada do conto publicado no livro *Extratextos 1: Clarice Lispector – personagens reescritos*, organizado por Vera Giacconi e publicado pela Oficina Raquel em 2012.

² Em busca por "Conceição Evaristo" no Google Acadêmico, encontramos 11.400 resultados. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

que, depois de diversas publicações e reconhecimento tanto do público quanto da crítica especializada, a autora rompeu com as tentativas de silenciamento, não havendo mais como ignorar sua escrita.

Nota-se, nas obras de Evaristo, um protagonismo negro, com destaque para as mulheres, colocando-as não apenas como personagens centrais, mas por buscar evidenciar questões da realidade do grupo, a exemplo das opressões de gênero, raça e classe. Para Audre Lorde (2019), essas opressões seriam crenças na existência de uma superioridade inata sobre as demais, seja de uma classe, raça ou gênero, tendo, portanto, o direito de predominar sobre as outras, concepção que se aplica nas opressões de classe, que denomina como “classismo”, quanto de raça (racismo) e gênero (sexismo). Ao abordar esses temas em sua ficção, a escritora assume uma posição de identificação com essas vozes negras, historicamente silenciadas e estereotipadas. Nesse sentido, a autora denominou seus escritos como parte das *escrevivências*:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p. 30)

Primeiramente destacamos que, como citado acima, trata-se de uma concepção inicial da autora, para definir seu projeto estético desde sua vivência pessoal e coletiva, que acredita ser intransferível. Não obstante, conforme Henrique Marques Samyn, em *A escrevivência como fundamento* (2020), o conceito de escrevivência passou a ser adotado por outras minorias, “que podem se apropriar do conceito como uma via para a humanização” (Samyn, 2020, p. 19).

As vivências do corpo da mulher negra fundamentam as escritas ficcionais de Conceição, assumindo uma posição de sujeito sobre sua própria história, ou de um coletivo, o que permite, no mínimo, uma produção diferente daquela realizada por outros corpos – não negros ou não mulheres – ao escreverem sobre os mesmos

temas, visto que possuem outras vivências. Essa consciência perpassa suas obras, bem como no primeiro e último romance da autora que propomos analisar. *Ponciá Vicêncio*, “[...] um marco na literatura das mulheres negras brasileiras, ainda hoje é um clássico quando se examinam os desafios e a criatividade de uma negra comum diante das múltiplas expressões de opressão que enfrenta”. (Bilge; Collins, 2021, p. 40)

Ponciá Vicêncio narra a história da personagem-título, desde sua infância na zona rural até a idade adulta na cidade grande, configurando-se como “[...] um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade” (Duarte, 2006, p. 306), o que consolida o projeto estético da autora em acordo com uma escrita afrodiaspórica³.

Ponciá morava com a mãe, o pai e o irmão, na Vila Vicêncio, cuja população é composta majoritariamente por descendentes de negros escravizados que ainda vivem em condições semelhantes às dos seus antepassados, a exemplo do pai de Ponciá, que, apesar de nascer liberto, exercia a função de “pajem” do sinhô-moço. Nas terras do coronel Vicêncio, a relação de exploração e subalternidade é marcada no sobrenome da família: “[...] o pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (Evaristo, 2017, p. 26-27). De acordo com Duarte (2006), ter o sobrenome do escravocrata era uma maneira de serem identificados, assim como uma mercadoria, um traço de subalternidade, e demonstra o quão desumano era o tratamento dado ao escravizado.

A narrativa, em terceira pessoa, fragmentada em flashbacks que apresentam os personagens e suas histórias, em meio a idas e vindas num tempo narrativo que oscila entre passado e presente, reflete as vozes de um coletivo silenciado e oprimido, uma vivência comum de tantos outros, não podendo ser reduzida a apenas uma voz.

³ Trata-se de uma escrita que apresenta o olhar (Duarte, 2020, p. 81) “[...] do sujeito historicamente silenciado e estigmatizado como Outro” perpassando todo o Atlântico Negro no intuito de recuperar as memórias apagadas por um discurso do colonizador (Duarte, 2020).

Assim, acompanhamos a busca por mudança já na cidade por Ponciá após a morte do pai, assim como Luandi, movido pela tentativa da irmã, decide romper também com o ciclo de exploração. Nas palavras de Duarte (2020):

Ponciá Vicêncio evidencia quanto o passado escravocrata impregna os rumos da modernização que atrai a personagem, mal saída da adolescência, rumo à cidade grande. O entrelaçamento entre o ontem e o agora se inscreve como forma e formato, descartando a linearidade das ações consecutivas que marca o romance convencional. O resultado desse engenho ressalta os fragmentos da memória comunitária e familiar como trauma que paralisa as ações da protagonista, mesmo sob os ímpetos do companheiro que, pela violência física e psicológica, quer a todo custo enquadrar e trazer de volta a mulher para o dia a dia da precariedade em que vivem. (Duarte, 2020, p. 90-91).

Embora o enredo seja centrado em Ponciá, a narrativa amplia para trazer as questões referentes a um segundo personagem, Luandi. Na cidade, o irmão de Ponciá se depara com novas formas de opressão, desenvolvidas pelo próprio Estado que, por vezes, utiliza dos próprios sujeitos negros para manutenção de poder contra os seus, a exemplo de Negro Climério, que explora e mata prostitutas (Duarte, 2020).

Já em *Canção para ninar menino grande*, são apresentadas discussões sobre “[...] as contradições e complexidades em torno da masculinidade de homens negros e os efeitos nas relações com as mulheres negras” (Evaristo, 2022, n.p.). Nele, é narrada a história de mulheres, contadas a partir do encontro com Fio Jasmim, o protagonista do romance, que, apesar do casamento marcado com Pérola Maria, segue em cada parada de uma nova estação em busca de uma satisfação que nunca é plena. Essa história é recolhida por Juventina, uma das mulheres que fazem parte dessa trajetória. Após uma relação de longos anos, ela decide pôr fim ao caso com Fio, saindo em busca das histórias de outras mulheres e de entender suas formas de amor:

O resultado dessa experiência será a ‘Canção para ninar menino grande’, que depois oferecerá a ele. Uma canção composta ‘mais de vocalização e murmúrios do que de palavras’, arrisco dizer, parece ter sido feita de sons emitidos pelo par durante a realização de um ato amoroso e, como tal, a sonoridade teria o poder de acalmar e fazer dormir o homem-criança. (Duarte, C., 2020, 145)

O maquinista de moleira aberta, tido como sem juízo, um sedutor, retoma por diversas vezes a insatisfação com a impossibilidade de alcançar lugares como os brancos, atormentado pela lembrança de não ter sido escolhido para ser o príncipe na infância devido a sua cor. Travando assim uma luta simbólica com o branco, a qual descobre que jamais poderá ganhar, pois trata-se de uma disputa injusta.

A partida de Tina marca o começo da mudança de Fio Jasmim, dando conta de suas ações, principalmente no que se referia às mulheres, nesse contexto machista em que, mesmo havendo certos privilégios aos homens, também os coloca em sérios dilemas. Em síntese, o estudo desse romance é pertinente para o trabalho uma vez que: “[...] além de explicitar o projeto de escrituragem de Conceição Evaristo, propõe ainda a denúncia e questionamento do patriarcado”. (Duarte, C; 2020, p. 137).

Ressaltamos a complexidade dos personagens que constituem o romance, sempre apresentando mais de uma faceta ou justificativa por trás de seus atos, não permitindo conclusões precipitadas. São essas nuances que despertam interesse de entender os personagens, no caso desta pesquisa, os homens negros. Em se tratando do lugar de fala da autora, sua literatura é centrada em personagens mulheres, mesmo assim, apresenta personagens masculinos importantes para a construção narrativa.

Nesse sentido, há uma menor representação do protagonismo do homem negro nas obras da autora, fato identificado por Conceição (2020) e que, por isso, em *Canção para ninar menino grande*, romance lançado em 2018⁴, diferentemente das demais obras da autora, pela primeira vez traz como protagonista um homem negro. Apesar disso, a narrativa é centrada não nele, mas nas mulheres que ele conheceu (Duarte C., 2020). Há um cuidado da autora em retratar o homem negro para além dos estereótipos frequentemente relacionados a eles, problematizando-os e gradativamente os rompendo, construindo personagens masculinos que ocupam posições de destaque dentro da narrativa, a exemplo de Luandi, que, responsável por

⁴ Apesar de a obra ter sido lançada em 2018, estava esgotada e foi relançada no início de 2023, com “significativos acréscimos” (DUARTE, C., 2023). A Primeira versão gerou discussões em relação a forma, uma vez que é qualificado por vezes como um conto longo, novela ou romance, o que não ocorre com a segunda edição.

revelar a história da família à Ponciá, estabelece um vínculo com o ancestral ao ligar o passado ao presente. Nessa direção, a autora afirma:

Não quero colocar os homens só na situação de derrota ou na posição de sujeitos cruéis, em textos de minha autoria. Eles têm também histórias de dor e de suplantação dos sofrimentos. Também me incomoda a ausência de heróis negros na literatura; tenho de encontrar uma maneira de dar um protagonismo aos homens negros. (Evaristo, 2020, p. 43-44)

Ao analisar as relações entre homens e mulheres negros(as), a escritora considera: “As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam.” (Evaristo, 2009, p. 18). Para a filósofa Lélia Gonzalez (2020), esse “não atinar”, em certos momentos, ocorre devido ao sexismo proveniente da reprodução da ideologia dominante sexista por esses homens. No entanto, homens e mulheres negros/as compartilham de bases muito próximas, permitindo estabelecer um plano mais igualitário de convivência, porque, em se tratando das opressões de raça e classe, ambos são afetados de maneira muito semelhante. Conforme a reflexão narrada de Ponciá:

Às vezes ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher. (Evaristo, 2017, p. 48).

No excerto, ficam evidentes as semelhanças entre as dificuldades enfrentadas por ambos os gêneros. Considerando o processo de apropriação das vivências de Conceição, e o grupo sobre o qual escreve em sua ficção, observamos na representação dos personagens homens negros um atravessamento por opressões e seus efeitos nas relações, sobre os quais iremos nos debruçar.

A narrativa apresenta essas questões dentro de um discurso contra-hegemônico, opondo-se a uma linha de pensamento em que os homens poderiam ser vistos apenas

enquanto antagonistas⁵. Duarte (2020) exemplifica essa construção em um dos personagens ao notar que:

A interseção crítica de gênero, etnicidade e classe social – elementos geradores da condição subalterna –, opera também no sentido da transformação e elevação humanitária do “homem de Ponciá”. Após a agressão que a faz sangrar e o agravamento do estado mental e físico da companheira, ele se convence de que uma doença desconhecida a persegue e muda de atitude. (Duarte, 2020, p. 91).

Considerando as experiências do marido de Ponciá, Luandi e de outros personagens da obra (*Vô Vicêncio*, o pai de Ponciá, Negro Climério e Soldado Nestor, Fio Jasmim e os maquinistas), o objetivo geral desta dissertação é compreender a ficcionalização dos homens negros nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, com ênfase nas opressões de gênero, raça e classe, em busca de esclarecer a hipótese de que há um ponto em que os homens negros não atinam com o sexismo enfrentado pelas mulheres na narrativa. Nesse sentido, apropriamo-nos de colocação feita por Conceição: “As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam.” (Evaristo, 2009, p. 18).

Analisamos as opressões de classe e raça, que afetariam ambos os sexos de maneira semelhante e que podem apresentar explicações para entendermos suas ações, em seguida tratamos do ponto de divergência, o de gênero, observando os personagens homens negros: *Vô Vicêncio*, pai de Ponciá, homem de Ponciá, Luandi, Negro Climério, Soldado Nestor, Fio Jasmim e os maquinistas, e, por fim, apresentamos diálogos entre os romances, assim como com outros textos, no intuito de pensar as questões em torno da masculinidade de homens negros e sobre o projeto estético da *escrivência*. Para fundamentar a análise, partiremos da crítica feminista negra na perspectiva das pensadoras bell hooks (2022), Lélia Gonzalez (2020) e Carla

⁵ A exemplo do feminismo liberal, apresentado por hooks em *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019), em que essa perspectiva supervaloriza a oposição homem/mulher, partindo do princípio de que essa seria a pauta dentre as opressões mais importante, uma vez que “Essa falta de preocupação com a dominação é coerente com a crença do feminismo liberal de que a mulher pode se igualar socialmente aos homens sem desafiar e modificar a base cultural da opressão de grupo.” (hooks, 2019, p. 51)

Akotirene em *Interseccionalidade* (2021), e da crítica do racismo estrutural por Silvio Almeida (2021).

Considerando a natureza teórica da pesquisa em Estudos Literários, as modalidades e técnicas adequadas foram as leituras exploratória, analítica e comparativa das bibliografias básica e complementar (Souza, 2016). Seguindo na crítica feminista negra e decolonial, que “[...] unem uma preocupação que vincula a sofisticação intelectual com a prática política”. (Akotirene, 2021, p. 14). Também nos apoiamos nas concepções de Antonio Candido (2006) sobre a relação entre literatura e sociedade, pautadas no princípio de que não há oposição entre o contexto social e a ficção, pois o externo e o interno na composição da obra não são fatores excludentes entre si, mas compõem um processo de confluência que atua esteticamente na construção da narrativa.

No primeiro capítulo, apresentamos considerações sobre opressão de raça e classe, a partir da crítica feminista negra e decolonial, no intuito de problematizar questões referentes ao papel de gênero imposto aos homens negros, que por consequência afetariam as relações com as mulheres negras. Apresentamos uma contextualização do período colonial, contexto em que são produzidas e impostas as imagens de controle sobre os corpos negros, também veremos como aparecem na literatura brasileira contemporânea, para em seguida analisar essas questões nos personagens Vô Vicêncio, pai de Ponciá, homem de Ponciá, Luandi, Negro Climério, Soldado Nestor, Fio Jasmim e os maquinistas.

No próximo capítulo procuramos discutir o último ponto da intersecção, o gênero, e, por meio dele, pensar as contradições e complexidades envolvidas ao tratar da masculinidade de homens negros e os impactos nas relações com as mulheres negras, principalmente no que se refere às implicações do papel de gênero atribuído aos homens negros que os definem enquanto seres violentos e hipersexualizados.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos passar por ambos os romances expondo questões a respeito de alguns diálogos possíveis entre as obras; apresentar alguns pontos do projeto estético da autora e os avanços notados dentro desse recorte de

textos; e, enfim, apresentar algumas questões para se pensar sobre a masculinidade negra fora dos padrões hegemônicos determinados, por uma categoria aberta e em transformação.

1. RAÇA E CLASSE: ORIGEM DOS PAPÉIS QUE RESTRINGEM

Partindo das discussões levantadas por bell hooks em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (2022), pensamos as condições que impedem os homens negros de exercerem com plenitude a masculinidade hegemônica patriarcal, as dimensões raciais e de classe, e que, conseqüentemente afetariam suas relações com as mulheres negras. Segundo a autora, “Na cultura patriarcal, todos os homens aprendem um papel que restringe e confina. Quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero.” (Hooks, 2022, p. 33). Desse modo, os homens negros enfrentam questões que lhes impossibilitam dispor dos “benefícios” de ser homem em uma sociedade patriarcal, por não se encaixarem nas demais diferenças dominantes.

Entendemos que “A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI: [...] ‘um conceito relacional e histórico’”. (Almeida, 2021, p. 24), portanto, é um termo que depende do contexto histórico em que é empregado. Silvio Almeida chama atenção para o fato de que o conflito de classe não é o único presente na sociedade capitalista, outros como raciais, sexuais, religiosos e culturais existiam antes do surgimento do capitalismo e, ainda que adquiram novas formas nele, não terão fim junto dele. Por isso, é necessário conhecer as lutas raciais e de gênero para entender o capitalismo, já que o domínio de classe se faz presente também na intersecção de opressões. Sobre isso, Gonzalez observa:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. [...] não é por coincidência que a maioria quase

absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente [...]”. (Gonzalez, 2020, p.46)

Alguns acontecimentos ao longo da história desde o século XVI são fundamentais para se entender o que levou à construção de um plano de nação que endossa o discurso de dominação e aniquilação do diferente:

A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a *unidade e a multiplicidade da existência humana*. Se antes desse período o ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no *homem universal* (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (Almeida, 2021, p. 25).

No processo de racialização dos povos colonizados, partiu-se da imagem do homem europeu enquanto “homem universal” e entendeu sua cultura como mais elevada, passando a identificar os diferentes de si como raças inferiores, do mesmo modo seus saberes. Ainda que seja evidente a tentativa de desvalidar os saberes do outro, o diferente, no intuito de facilitar o processo de colonização, descobriu-se também que houve um processo de apropriação dos conhecimentos desenvolvidos em países colonizados por parte de seus colonizadores, passando a serem difundidos como deles, pois, como identifica Quijano (2005), enquanto atribuíam classificações raciais aos demais seres, o outro, “[...] os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas” (Quijano, 2005, p. 122), sendo eficientes em propagar e determinar esse ponto de vista histórico como predominante, um discurso que vem se provando falacioso.

O projeto colonialista surge como ponto essencial para a caminhada rumo à modernidade e ao progresso, devido a crença de que essa evolução haveria terminado, restando apenas a modernidade, a colonialidade permanece oculta (Mignolo, 2004). Esse projeto partiu dos princípios iluministas que dariam base para as revoluções:

As revoluções inglesas, a americana e a francesa foram o ápice de um processo de reorganização do mundo, de uma longa e brutal transição das sociedades feudais para a sociedade capitalista em que a composição filosófica do homem universal, dos direitos universais e da razão universal, mostrou-se fundamental para a vitória da civilização. Esta mesma civilização que, no século seguinte, seria levada para outros lugares do mundo, para os primitivos, para aqueles que ainda não conheciam os benefícios da liberdade, da igualdade, do Estado de direitos e do mercado. E foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou colonialismo. (Almeida, 2021, p. 26-7).

No momento em que ocorreu a Revolução Haitiana⁶, ficou claro que os direitos e a razão universais não seriam aplicáveis para todos. Na prática, o projeto liberal-iluminista foi pensado e criado para os próprios colonizadores, logo, nem todos os grupos étnicos seriam considerados iguais ou mesmo sujeitos. Dessa forma, a hierarquização dos seres serviria como estratégia utilizada pelo colonizador europeu para subjugar e aniquilar as populações das colônias.

Já o racismo moderno, por volta do século XIX, modificou-se com as complementações da pseudociência, teorias biológicas de raça, utilizadas, mesmo após o fim da escravização, para apoiar a ideologia da opressão colonial⁷ (Almeida, 2021). Portanto, entende-se que: “[...] a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários.” (Almeida, 2021, p. 31).

Entendemos que determinados grupos raciais apresentam privilégios em relação a outros e seu modo sistemático de discriminação é denominado racismo. A discriminação racial, seja ele explícito ou velado, com o passar do tempo, acarretará uma estratificação social. O racismo está para além de uma ou mais ações discriminatórias, possui um caráter sistêmico, pois trata-se de uma sucessão de fatores para grupos raciais que se aprestam no meio político, econômico e nas

⁶ Para a Revolução Haitiana foram impostas diversas barreiras para dificultar o processo que até hoje sofre os impactos da liberdade que tentou reconquistar (Almeida, 2021).

⁷ Vale lembrar que eventos como o genocídio judeu pela Alemanha nazista reforçam o fato de que raça é um componente político apenas, não existindo nada no espaço concreto que represente o conceito de raça (Almeida, 2021).

relações cotidianas (Almeida, 2021). Desse modo, a desigualdade racial não acontece em razão de atos de um grupo ou pessoa racista, mas devido a um discurso hegemônico que se utiliza de mecanismos como a ideologia do branqueamento para sustentar-se, assim, “[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.” (Almeida, 2021, p. 50).

Na sociedade brasileira, existe a possibilidade de tornar-se branco racialmente ao emular práticas atribuídas à classe média/alta e à estética branca. O desejo de assemelhar-se ao branco é resultado de um imaginário social construído de exaltação do branco e subalternização do negro, ideia esta constantemente reforçada pela mídia e no espaço escolar. Um exemplo disso são as representações presentes nas novelas brasileiras, produções consumidas por uma grande parcela da população, com isso “[...] um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas [...]” (Almeida, 2021, p. 65). Contudo, o que nos é apresentado nesses meios não reflete uma realidade, agindo como uma dissimulação das relações sociais realistas, trata-se de “imagens de controle” (Collins, 2019, p. 136) no intuito de tornar natural as desigualdades presentes no cotidiano, não se tratando da realidade concreta, mas sim de uma visão imposta pela classe dominante. Assim, apesar de não declarada, a imagem representada nas novelas corrobora para reforçar a imagem do negro como criminoso, em um enfrentamento contra o pobre e especialmente contra o negro (Almeida, 2021).

O ativista Stokely Carmichael cita um episódio de sua infância em que é possível perceber questões importantes, como a crença de que haverá sempre limitações sobre o que o negro pode ou não fazer. O discurso racista internalizou-se a ponto de o negro querer aniquilar aos seus e a si próprio:

Lembro-me de que, quando era garoto, costumava ver os filmes do Tarzan no sábado. O Tarzan branco costumava bater nos nativos pretos. Eu ficava sentado gritando: ‘mate essas bestas, mate esses selvagens, mate-os!’. Eu estava dizendo: ‘Mate-me!’ [...] Leva tempo

para rejeitar a mentira mais importante: que as pessoas pretas inerentemente não podem fazer as mesmas coisas que as pessoas brancas podem fazer a menos que as pessoas brancas as ajudem. (Carmichael apud Almeida, p. 68-69).

Gonzalez (2020) assinala que no censo de 1970 houve a exclusão do quesito cor; o motivo da retirada foi justificado pela existência de “dificuldades técnicas”, em uma nítida tentativa de ocultar as informações sobre as pessoas não brancas no Brasil, “[...] assim como a miséria e o desamparo em que a mesma se encontra. E isso ocultado pelo interesse de aparentar a existência de uma grande harmonia (e igualdade) racial no Brasil.” (Gonzalez, 2020, p. 57). Collins e Bilge (2021) também comentam sobre o ocorrido, chamando atenção para o fato de que, ao apagar a classificação racial, não havendo categorias que distinguem oficialmente uns aos outros, a classificação “negro” passa a não ser reconhecida como identificação racial. Isso sucedeu com o objetivo de criar a denominada democracia racial em que a identidade brasileira passaria a valer por todas as outras, o que deslegitima discussões de cunho racial:

[...] ao apagar a categoria política de raça, o discurso nacional de democracia racial eliminou a linguagem que poderia descrever as desigualdades raciais que afetavam a vida das pessoas negras brasileiras. Esse apagamento da ‘negritude’ como categoria política permitiu que práticas discriminatórias contra pessoas manifestamente de ascendência africana ocorressem em áreas como educação e emprego, porque não havia termo oficialmente reconhecido para descrever a discriminação racial nem recursos oficiais para remediá-la. (Collins; Bilge, 2021, p. 39-40).

A tentativa de desracialização tem como objetivo apagar a origem africana e indígena dos brasileiros, mascarando a diversidade, como também seu processo violento de miscigenação, para o público externo, e dificultando questionamentos de cunho racial, uma vez que todos seríamos “iguais”. A construção dessa suposta democracia racial caminha para um efeito semelhante ao apresentado na distopia *1984*, de Orwell (2009), em que há uma tentativa de negar a realidade através da criação de uma “novilíngua” (*newspeak*, nova língua), eliminando palavras que representassem uma ameaça, o que conseqüentemente dificulta pensar sobre o que vocabulário censurado expressa.

Por trás dessa ideologia que perpetua o racismo, há uma racionalidade. O discurso da democracia racial, por exemplo, uniu o pensamento da sociedade de uma época e a ciência em um conjunto de representações que possibilitaram uma fundamentação para os atos racistas, que já ocorriam diariamente e persistem como apresentado nos dados do *Atlas da violência* de 2021⁸. As causas estão relacionadas a questões de vulnerabilidade motivada por demandas socioeconômicas e demográficas, ao racismo estrutural presente nas instituições, principalmente policial, ao colocar como alvo a população negra, dentre outras questões que como veremos adiante, estão relacionadas a uma *necropolítica* (Mbembe, 2016).

Em sociedades que se consideram herdeiras dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e buscam transmitir a imagem de globalizadas, multiculturais e favoráveis às liberdades individuais e a um livre mercado, a discriminação racial não pode ocorrer de maneira explícita:

É desse modo que o racismo passa de destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de culturas e de corpos. Por constituir-se da incerteza e da indeterminação, é certo que o racismo pode, a qualquer momento, descambar para a violência explícita, a tortura e o extermínio. Porém, assim que a superioridade econômica e racial foi estabelecida pela desumanização, o momento posterior da dinâmica do racismo é o do enquadramento do grupo discriminado em uma versão de humanidade que possa ser controlada, na forma do que podemos denominar de um sujeito colonial. Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar qual o seu valor e seu significado. (Almeida, 2021, p. 73).

Logo, não é necessário eliminar as diferentes expressões culturais, uma vez que há a possibilidade de definir seu valor, enquadrando-as nas categorias de “índio” ou “negro”, criando uma pretensa hegemonia e exotizando as pessoas não brancas. Dessa forma, “O exotismo confere valor à cultura, cujas manifestações serão integradas ao sistema na forma de mercadoria. [...] Não é apenas extirpando a cultura que o racismo se apresenta, mas ‘desfigurando-a’ para que a desigualdade e a

⁸ “Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras.” (Atlas da violência, 2021, p. 49)

violência apareçam de forma ‘estilizada’ [...]”. (Almeida, 2021, p. 73-4). Logo, essas expressões culturais passam a ser ressignificadas agora no intuito de possuírem valor comercial, por isso absorvidas por um sistema que as trata enquanto culturas de menor valor.

As classificações de branco e negro são construções sociais, performances impostas aos indivíduos desde seu nascimento e o negro apenas se humaniza quando questiona essas imposições feitas pelo racismo. Nessa perspectiva, o personagem Luandi, irmão de Ponciá, até determinado momento da narrativa, não possui consciência do que o impede de alcançar seus desejos, os quais para um homem branco seriam possivelmente mais fáceis, como veremos ao analisá-lo. E dentro de um contexto de suposta democracia racial, o discurso meritocrático corrobora para a manutenção dessa ideologia: “No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial.” (Almeida, 2021, p. 82), visto que, se não há racismo, os responsáveis pelo insucesso de pessoas negras seriam elas próprias.

Aníbal Quijano (2005) aponta como, em alguns casos, na colonização espanhola pouparam a nobreza indígena da escravização no intuito de fazerem a mediação com o colonizador, enquanto para os negros não houve essa opção; foram submetidos ao regime de servidão, não houve uma tentativa de “salvá-los”, como no caso dos indígenas catequizados pelos jesuítas.

Ainda que, de acordo com hooks (2022), não possamos afirmar se o trabalho para os homens negros pós-escravização era visto como elemento definidor da identidade masculina, o trabalho durante esse período foi compulsório e cruel, havendo um direcionamento para continuar dessa forma, assim como também uma busca por imitar elementos da masculinidade branca, cuja identidade está fortemente relacionada ao trabalho, em busca de alcançar o poder, como identificaremos nos personagens dos romances.

O racismo possui duas finalidades dentro do Estado, primeiramente a de dividir hierarquicamente as raças:

O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e os que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. (Almeida, 2021, p. 115).

Esse tipo de divisão que decide quem pode ou não viver, leva-nos ao segundo papel, o de autorizar a morte do outro dentro de uma visão positiva:

Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. (Mbembe, 2016, p. 128)

O racismo, assim, assume uma fatídica função ao estabelecer diferenças biológicas que possibilitam, para além de decidir a morte ou não de um indivíduo, garantir meios de o Estado realizar isso de maneira indireta; trata-se da submissão da vida ao poder da morte, expresso no conceito de Mbembe (2016), *Necropolítica*. Essa morte, simbólica ou não, ocorre de maneira justificada, uma vez que, apoiada na ideia de diferença de raça, o outro pode ser identificado como um adversário, desprovido de humanidade, e sua existência pode estar ameaçando o bem-estar da sociedade.

Frente a um cenário em que há uma ameaça constante de guerra não declarada, cria-se, assim, um clima de que tudo é permitido, na iminência de uma guerra, seria possível antecipar-se em nome da “paz” (Almeida, 2021). Desse modo:

O estado de sítio, longe de ser exceção, será a regra, e o inimigo, aquele que deve ser eliminado, será criado não apenas pelas políticas estatais de segurança pública, mas pelos meios de comunicação de massa e os programas de televisão. Tais programas servirão como

meio de constituir a subjetividade adaptada ao ambiente necropolítico em que impera o medo. (Almeida, 2021, p. 122).

Essas seriam maneiras de construir uma subjetividade ajustada à realidade em que rege o medo constante. Segundo Mbembe, “O ‘estado de sítio’ em si é uma instituição militar.” (2016, p. 137), em que é entregue autonomia aos militares responsáveis para fazer uso dos seus próprios parâmetros a respeito do momento e quem atacar.

Logo, entendemos que o ponto central da modernidade colonial é a dicotomia entre o que seria humano e não humano. Essa diferenciação hierárquica foi imposta sobre os colonizados, seguindo o desejo do homem ocidental, pensamento que ocasionou outras diferenciações partindo do mesmo princípio, exemplo de gênero (Lugones, 2019). Com isso, as populações dos países colonizados, “[...] principalmente africanos, são acusados de cometerem crimes de ódio, são estigmatizados por serem moradores de bairros perigosos, segregados racialmente, povoados de famílias desestruturadas de gênero, lares marcados pela ausência do macho [...]” (Akotirene, 2019, p. 93). Dessa forma, pressupõe-se determinados comportamentos tidos como parte de suas subjetividades, sem antes entender por que somos induzidos a esse entendimento.

1.1. A LITERATURA E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA

Regina Dalcastagnè (2008) constata, em sua pesquisa sobre o romance brasileiro contemporâneo, as ausências das minorias, uma maneira de sub-representar elementos que constituem a sociedade brasileira⁹. Em seu levantamento, ela confirma que há uma presença significativamente menor de autores e personagens negros:

São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do País publicados nos últimos 15 anos [1990 a 2004] identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. Se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida. O mito, persistente, da “democracia racial” elimina tais questões dos discursos públicos, incluindo aí o do romance. (Dalcastagnè, 2008, p. 87)

Ainda que o negro enfrente diferentes formas de exclusão, seja não sendo retratado ou muito pouco, e, com isso, deixando de abordar temáticas relacionadas ao racial e seus efeitos. Mesmo nessa tentativa de apagamento, a importância do negro para construção da identidade brasileira é inquestionável. Ainda que o levantamento de Dalcastagnè não seja recente, o problema identificado por ela persiste, possivelmente com diferenças menores, mas ainda presentes ao observarmos trabalhos mais recentes como o *Notícia da atual literatura brasileira* (2020; 2021), ao identificarem que, mesmo havendo um empenho em apresentar um grupo de entrevistas mais representativo, no que se refere à pluralidade de vozes, a sua menor presença:

[...] é mais um dado a compor o panorama da atual realidade das letras brasileiras. Após séculos de colonialismo, escravização, preconceitos, submissão, rechaços econômicos, exclusão educacional e apagamento cultural, cada um dos grupos ditos minoritários encena hoje, com sua ausência dos espaços de representatividade, entre eles a instituição literária, o drama de um país que ensaia e reensaia a sua saída do logo histórico. (Ceij; Pelinser; Diniz, Delmaschio, 2020, p. 11)

⁹ Foram analisados 258 romances publicados pelas editoras: Companhia das Letras, Record e Rocco. Desses, constatou-se que dos 165 escritores, 72,7% são homens. Em relação ao quesito racial, 93,9% dos autores e autoras são brancas (Dalcastagnè, 2008).

Dalcastagnè busca apresentar o romance atual brasileiro, entendendo seus enfoques, conseqüentemente, aquilo que está à margem e como estão sendo abordadas temáticas como as relacionadas ao racial. No concernente a esta pesquisa, nos interessam as impressões que Dalcastagnè (2008) tece em relação às obras que apresentam personagens negros. De acordo com a pesquisadora, além da representação escassa desses personagens, quando presentes reforçam estereótipos sobre o grupo, o que demonstra uma certa limitação ao abordar a temática. Mesmo autores que pretendem trazer uma criticidade em seus textos, acabam por retomar elementos que a tradição atribuiu ao “outro”, um misto de senso de superioridade, temor e discriminação. A pesquisadora identifica em alguns romances a representação do “outro” enquanto seres desprovidos de humanidade, violentos ou hipersexualizados, partindo do ponto de vista das classes dominantes (Dalcastagnè, 2008).

Duarte (2016) observa que uma questão evidente é o fato do negro, quando representado, estar presente muito mais como tema do que como sujeito do discurso. Ao identificar também a ausência de autores negros, Duarte (2016, p. 42) indica “[...] critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época”.

bell hooks (2022) chama atenção para o fato de que textos relacionados à masculinidade negra, sejam artigos ou livros, concordem que homens negros são violentos: “Os autores podem ou não concordar com o fato de que a violência masculina negra é justificada ou uma resposta à condição do racismo, mas estão de acordo com que os homens negros, como grupo, são selvagens, fora de controle, incivilizados e predadores por natureza.” (Hooks, 2022, p. 109). Haveria, assim, uma espécie de consenso sobre o que consideram como características naturais do grupo, independente do que poderia explicar ou não suas práticas. Tratar dessa temática não significa a necessidade de a literatura apresentar a realidade de maneira factual, imitar à maneira que presenciamos no mundo real, contudo, é importante entender o impacto dos discursos sobre determinados grupos sociais: “Enquanto os brancos

oscilam entre as classes médias e (um pouco menos) a elite econômica, os mestiços se dividem entre classes médias e (um pouco mais) pobres e os negros são maciçamente retratados entre os pobres” (Dalcastagnè, 2008, p. 93).

A ficcionalização do homem negro na literatura, segundo os dados da pesquisa, reforça uma imagem estereotipada de sujeitos incapazes de ascender socialmente, majoritariamente pobres e envolvidos na criminalidade. Afirmar a humanidade do negro dentro desse contexto que o desumaniza como um “recurso” estético parece ser ainda necessário:

Há, em primeiro lugar, a quase ausência do negro em nossa literatura – me refiro às personagens, mas a situação é ainda mais grave em relação aos escritores. Quando os negros são representados, costumam aparecer em posição secundária no texto (não são os protagonistas e muito menos os narradores) e em situação subalterna na trama (restringindo-se a algumas posições estereotipadas, como as de bandido, prostituta e doméstica, por exemplo). Na análise das exceções – as poucas narrativas onde os negros aparecem como figuras centrais –, pode-se encontrar, ainda hoje, a reprodução acrítica de representações sociais estereotipadas sobre os negros, que, de algum modo, reforça e legitima o preconceito racial; mas encontra-se, também, a apropriação crítica dos discursos racistas, em narrativas que, através da paródia, buscam justamente denunciar e desarticular o sentido perverso dessas construções. (Dalcastagnè, 2008, p. 106-107).

É importante entender que pessoas diferentes, seja devido a classe, raça, gênero, orientação sexual, veem e manifestam-se no mundo de maneiras distintas. Sendo assim, ainda que haja empatia por parte daquele que escreve sobre as dificuldades enfrentadas pelo outro, verão a realidade através de pontos de vista diferentes (Dalcastagnè, 2008).

A pluralidade de narrativas é relevante no âmbito estético, tal qual no âmbito político. A literatura proporciona o contato com esses diferentes pontos de vista sociais, expressões culturais de grupos marginalizados, faz-se uma maneira de lidar com as injustiças sociais, reconhecendo desse modo a importância dessas vivências e de suas manifestações (Dalcastagnè, 2008). Nesse sentido, Evaristo identifica a ausência de heróis negros na literatura e busca formas de evidenciar esse protagonismo, mais do que trazer diferentes perspectivas dentro da literatura, do lado

de fora, a escritora faz parte desse contraponto necessário mencionado por Dalcastagnè (2011), para trazer uma pluralidade de perspectivas sociais.

Do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) à *Canção para ninar menino grande* (2018), o negro é apresentado como sujeito de seu discurso, com os sinais ainda presentes na pele da discriminação, seguindo de encontro ao discurso do vencedor e seus mitos, a exemplo do mito da democracia racial¹⁰ (Duarte, 2020). Para Duarte (2020), os textos da autora apresentam, predominantemente:

[...] um sujeito gendrado, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela um 'segundo sexo' específico, pois vítima de comportamentos nascidos do passado escravista. A escrevivência composta por Evaristo é afro-gendrada, seja pela presença esmagadora de dramas e personagens femininos, seja pela explicitação das 'vozes-mulheres' como lugar de pertencimento a construir a representação, mesmo em se tratando de figuras do sexo oposto, meninos ou adultos. (Duarte, 2020, p. 84).

Nessa escrita, é proposto abordar questões sobre um coletivo, isso inclui os homens negros, ficcionalizados nas obras sempre com um cuidado ao retratá-los, distanciando-se dos comuns estereótipos relacionados a eles, de sujeitos cruéis, encontrados em situação de fracasso, desumanizados ou hipersexualizados, pois, diferentemente dessa abordagem, entende que isso não os representa e quando encontrados nesses contextos, evidencia como estes também possuem trajetórias dolorosas, como veremos a seguir.

¹⁰ Crença que no Brasil não haveria racismo, pois todos seriam iguais perante a lei. Para Gonzalez quem melhor sintetizou a dominação racial no Brasil foi o humorista Millôr Fernandes ao ironizar que: "No Brasil não existe racismo porque os negros reconhecem seu lugar." (Gonzalez, 2020, p. 144)

1.2. LUANDI JOSÉ VICÊNCIO

Um dos poucos personagens nomeados na obra é Luandi, irmão de Ponciá, cujo nome pode ser uma analogia a Luanda, capital de Angola, reforçando a presença constante de matriz africana nos escritos da autora (Arruda, 2007). Ao longo da narrativa, irá modificar-se a partir das interações com as mulheres que o rodeiam, com quem aprende ser possível romper o modelo de masculinidade imposto e seu lugar enquanto negro. Acompanhamos sua infância e vida adulta, inserido dentro dessa realidade que o condiciona e faz almejar por um lugar que não é possível ser alcançado, o de ser igual ao branco. Os encontros e perdas de Luandi, a morte do pai, o assassinato da amada, a volta ao vilarejo e o encontro com Nêngua Kainda, fazem rever seu modo de vida. Aos poucos, deixa de querer embranquecer, passando a questionar aquilo que antes acreditava ser o certo.

A vida de Luandi é marcada, em um primeiro momento, pela relação com os homens com quem primeiro conviveu, o pai, e também o avô, que mesmo já falecido se faz presente. Segundo hooks (2022), são essas figuras paternas responsáveis por projetar no imaginário do filho que eles podem vir a ser.

O irmão de Ponciá, que pouco brincava junto dela, pois estava sempre com o pai trabalhando nas terras dos brancos, logo cedo iniciou na sucessão dos passos do pai, e antes dele foram também do avô. Uma das situações destacadas pela protagonista é o silêncio dos homens, que ela registra ao recordar do irmão:

[...] Ponciá começou a achar que homem era quase mudo. Seu irmão falava, mas parece que estava ficando mudo também. A cada retorno falava menos e, depois que o pai se foi, era como se o encanto falante do irmão tivesse partido também. Porém cantava muito como o pai. (Evaristo, 2017, p. 49).

Ainda na infância, Ponciá lembra das conversas em casa e percebe o quão pouco os homens ao seu redor falavam. Luandi aprende com o pai como uma vida de trabalho – nas condições em que os ex-escravizados estavam – pode vir a tirar esse “encanto” de todos. O silenciamento ocorre de maneira tão profunda que, com a morte do pai, Luandi leva quase um mês para regressar a casa e dar a notícia à mãe e à irmã. Com

a morte do pai e a saída de Ponciá para a cidade, surge a possibilidade de também buscar construir sua vida longe das terras que tanto marcaram sua família pela presença da morte e da exploração.

A saída do campo de Luandi faz referência ao processo afrodiaspórico¹¹: “Sua viagem também marca a diáspora daqueles que, desterritorializados, perpetuam as histórias do navio negreiro.” (Arruda, 2007, p. 56). Ele tinha como objetivos encontrar a irmã, juntar dinheiro e enriquecer, pois acreditava que, na cidade, mesmo trabalhando muito, haveria a possibilidade de tornar-se rico. Todavia, aos poucos esse imaginário é desconstruído por Luandi.

Pensando as questões que envolvem o trabalho, hooks (2022) observa esse caráter compulsório do trabalho para o homem negro, tendo em vista sua natureza durante a escravização, por não ser uma escolha. Ainda que para homens negros em geral não seja um elemento necessariamente definidor de sua masculinidade, para Luandi aparenta ocupar um lugar importante nessa construção, tendo em vista sua expectativa de imitar certos aspectos da masculinidade branca hegemônica. Desde criança, acostumou-se com o trabalho no campo, mas já na cidade não havia trabalho para todos, muito menos estariam todas as ocupações abertas para ele, um homem negro. Audre Lorde explica que, diante da diferença, podemos agir das seguintes formas: “[...] ignorá-las e, se isso não fosse possível, imitá-las se acharmos que são dominantes, ou destruí-las se acharmos que são subordinadas.” (Lorde, 2019, p. 240). Luandi, em relação ao homem branco, busca alcançar sua posição de opressor, imitando seus atos. No decorrer da obra, irá perceber seu lugar e não reconhecimento por completo a essa *norma mítica*¹² imposta.

O conhecimento, dentro desse contexto, significa saber ler e escrever, o que descobre não ser suficiente para alcançar a mudança desejada. Percebe-se que há uma denúncia da impossibilidade de mudança para determinados grupos raciais e defende-se um questionamento daquilo que nos é contado. Hooks (2022) explica:

¹¹ Refere-se à diáspora negra, uma migração forçada dos povos africanos por efeito do regime escravocrata.

¹² “Na América, essa norma [mítica] é comumente definida como branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É com essa norma mítica que as armadilhas do poder existem dentro da sociedade.” (Lorde, 2019, p. 241)

Atualmente, na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista, a maioria dos jovens oriundos das classes pobres e desprivilegiadas é socializada, por intermédio da grande mídia e de uma educação elitista tendenciosa, a acreditar que, para sobreviver, basta ter habilidade para o trabalho físico. Jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, têm sido socializados para acreditar que a força e a resistência física são tudo o que realmente importa. Preparados para serem mantidos como membros permanentes de uma subclasse, para não ter escolhas e, portanto, para estarem dispostos a matar, sempre que necessário, em nome do Estado, homens negros sem privilégio de classe sempre foram alvo da deseducação. (Hooks, 2022, p. 91)

Há uma tentativa de socialização dos jovens negros, fazendo-os acreditar no discurso da desinformação. Ainda que as reais possibilidades de ascensão em uma sociedade capitalista racista sejam mínimas, ele é induzido a aceitar sua posição, podendo ser colocados a serviço do Estado para realizar seus propósitos mais sórdidos. Aos poucos, Luandi percebe-se enquanto integrante do grupo oprimido e observa as limitações que lhe são impostas:

[...] não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (Evaristo, 2017, p. 110).

Em um primeiro momento, Luandi acreditou que a leitura e a escrita fossem suficientes para mudança de vida. Além desses conhecimentos, outro fator que levou a isso foi o encontro com o soldado Nestor, que fez Luandi acreditar na real possibilidade de mudança, pois era uma figura com a qual ele se identifica:

Luandi admirava o Soldado Nestor. Aquele era para Luandi maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que o delegado, maior que Deus. Soldado Nestor era negro. Negro e soldado. O homem andava bonito, marchando, mesmo estando sem farda. Sabia ler. (Evaristo, 2017, p. 58).

A prova para Luandi de que a cidade era melhor que o campo era o soldado Nestor. Nesse momento, fica ainda mais latente a vontade de Luandi de ocupar uma posição

de poder, ou pelo menos aquilo que ele entendia como tal: “Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos.” (Evaristo, 2017, p. 62). No momento em que pessoas negras assumem alguma posição de poder, não quer dizer que o grupo alcançou poder de fato e nem que há a possibilidade de modificar esses lugares, pois o indivíduo passa a ser apenas um instrumento do patriarcado branco capitalista, não havendo uma mudança profunda na estrutura de seu funcionamento (Almeida, 2021). Nesse sentido, Akotirene sintetiza da seguinte forma:

Às vezes oprimimos, mas às vezes somos opressores. Concordo que o racismo, por ser estrutura de poder, é intransferível de negro contra branco, por isso que o negro, para discriminar, precisa de poder racial assegurado exclusivamente quando ele está fardado, representando a instituição, não a si próprio. Contudo, a branquitude continua dirigente. (Akotirene, 2019, p. 98).

Ao expressar sua vontade por bater, prender, ter voz de mando igual aos brancos, representa a possibilidade de transcender do lugar de oprimido e poder agora ter os mesmos direitos, inclusive de oprimir, não percebendo que esse poder seria levantado apenas contra os seus a serviço de uma estrutura de poder racista. Lembramos que a eficácia do discurso racista ocorre devido à internalização por ambas as partes, por quem se beneficia e por quem é prejudicado (Gonzalez, 2020). Quando Luandi busca por essa posição de representante da instituição, não entende, em um primeiro momento, que nunca exerceria a voz de mando dos brancos, pois esse poder é intransferível. Em razão disso, o racismo não se trata apenas de ter representatividade, como afirma Almeida.

Uma passagem simbólica referente ao lugar do negro na sociedade é a chegada dos presos, momento de que Luandi mais gostava, pois encontrava neles também seus semelhantes:

Ele ficava encarando um por um na tentativa de descobrir quem era culpado e quem era inocente. Tinha a impressão, às vezes, de que todos eram inocentes, mas ao mesmo tempo culpados. Seu coração doía um pouco. Sentia-se também preso em cada um deles. (Evaristo, 2017, p. 63).

Mesmo que todos fossem inocentes de seus crimes, a culpa recai sobre sua cor de pele, que faz recordar de como dentro de uma sociedade racista independe se o

indivíduo é culpado ou não, ele já será previamente julgado por sua cor. Como apresentado por Almeida (2021), o reforço constante dos estereótipos que relacionam o negro à criminalidade acabam por fazer acreditar que todo homem negro é criminoso. Por isso, o trecho traz as impressões singelas, porém significativas de Luandi, que expõe a injustiça social.

Luandi, para tentar realizar o desejo de se tornar soldado, num primeiro momento, consegue por meio do amigo, Soldado Nestor, um emprego de faxineiro na delegacia:

Por enquanto não era soldado ainda, estava apenas ensaiando, mas um dia chegaria em que ele haveria de ser um soldado verdadeiro. Desses que prendem e batem. Desses que vão à guerra. Podia tanto haver uma guerra... Uma guerra dos pretos contra os brancos? Uma guerra dos ricos contra os pobres? Ah, não!... Essas guerras não! Ele queria bater, prender... Se tivesse uma guerra dessas, de que lado ficaria? Ah! Só se fosse uma guerra dos bons contra os maus! (Evaristo, 2017, p. 68).

O personagem constrói um imaginário sobre qual seria o papel de um soldado, necessariamente seu dever para ele seria repreender ou até mesmo matar o outro. Quando remete ao soldado que vai à guerra, pensa em uma disputa entre o bem ou o mal, em que o ser combatido seria genuinamente ruim, portanto, aquele que de fato merece morrer, sem saber da possibilidade daquele que ocupa esse lugar pelo fato de ser diferente ou estar em uma posição contrária à sua, o que não o tornaria menos humano. Apesar de refletir sobre disputas de classe e raça, ele acredita haver uma disputa real e verdadeiramente importante, não percebendo o fato de as outras mencionadas já estarem em curso, o que significa que, quando tornar-se soldado, terá um papel nelas.

No retorno de Luandi em busca da mãe ele encontra Nêngua Kainda, a quem se refere como “velha”, adjetivo usado como título ou diferenciação de habilidade, pois para as culturas africanas o avançar da idade de um indivíduo representa experiência de vida (Marcelino, 2016). Em seu encontro, revela a ele que a mãe estava viva e que a encontraria, tal como Ponciá:

Carecia de encontrá-la urgente, acolhê-la antes que a herança se fizesse presente. Depois Nêngua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mais com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num

caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus. (Evaristo, 2017, p. 81).

Para voltar ao vilarejo, Luandi decide usar o uniforme antigo emprestado pelo amigo, queria voltar “feito gente de mando”, mas na longa viagem percebe que as vestimentas do outro ficam desconfortáveis, não lhe cabiam direito. Kainda lembra o rapaz com a roupa de soldado emprestada que ocupar esse lugar não valeria nada, pois estava tentando alcançar algo que não apenas não traria retorno ao coletivo, mas que usaria dessa mesma voz de mando para oprimir os seus. Mesmo sempre dando ouvido aos conselhos sábios de Nêngua Kainda, bem como todos no povoado, não entendia seu riso dirigido ao seu desejo. Assim, em um primeiro momento, preferiu não seguir seus conselhos.

“O sonho de se tornar um dia soldado não estava adormecido em Luandi.” (Evaristo, 2017, p. 86), pelo contrário, torna-se ainda mais forte com a necessidade de localizar a irmã e a mãe, agora que tinha descoberto com a velha Kainda a partida da mãe do vilarejo, precisava encontrá-las, pois era como um peso que carregava, sentia-se culpado por ter abandonado a mãe e ainda não ter localizado Ponciá. Outro fato que o motiva ocorre quando conhece Biliza, a moça por quem se apaixona, na expectativa de libertá-la da vida de prostituição. O amigo desencoraja o relacionamento com a jovem devido a sua ocupação, mas era ela quem ensinara ao rapaz que sentimento não tinha preço e agora “[...] enfeitava a noite que existia no coração de Luandi”. (Evaristo, 2017, p. 86).

Por isso, quando Negro Climério tirou a vida de Biliza, morte muito simbólica dentro da narrativa, pois impediu que ela saísse da zona de prostituição para romper com a exploração sofrida, não houve consolação para Luandi:

Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. [...] Biliza já havia dito, mas ele nunca acreditou que o homem tivesse a tamanha covardia de atentar contra ela. A noite que ele trazia no peito haveria de se tornar mais noite ainda. (Evaristo, 2017, p. 97).

O fato de Biliza ter alertado sobre o receio, mas Luandi não ter considerado, pode referir-se à crença no que sua posição representaria, o fato de trabalhar na delegacia, ainda que enquanto faxineiro, mas pertencente à instituição, seria razão para Negro Climério não mexer com Luandi ou sua amada.

Após o falecimento de Biliza, Luandi seguiu em um luto profundo, apenas saía do quarto para realizar as tarefas da delegacia. Alguns dias depois, o delegado chama por ele e fala com Nestor sobre como o caso havia sido cruel, mas aconselha o rapaz a seguir em frente e diz que não eram todas as mulheres que traziam felicidade, levando a entender o acontecimento como uma fatalidade, que Luandi não poderia se envolver com mulheres da zona, e devia reconhecer que ele tivera sorte por não lhe acontecer o mesmo, “E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos eram como o Soldado Nestor e ele.” (Evaristo, 2017, p. 102). O delegado, na passagem, representa um discurso comum (não oficial) de instituições, principalmente policial, ao pensarmos na escolha da população negra enquanto alvo de suas ações baseado nos estereótipos relacionados ao negro¹³.

Por isso, quando consegue finalmente tornar-se soldado, ressurgem em Luandi uma esperança de que, enquanto figura de poder, conseguirá reencontrar a família: “Agora ele era soldado. Tinha o poder de mandar. Tudo era mais fácil, até para procurar a irmã. Fardado com roupa do poder, entraria em qualquer lugar, seria respeitado por todos.” (Evaristo, 2017, p. 106). Contudo, depois de tanto desejar o posto, quando o assume percebe isso não que não lhe traria a autoridade esperada:

Soldado Nestor era tão fraco e tão sem mando como ele. Apenas cumpria ordens, mesmo quando mandava, mesmo quando prendia. Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo. Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. [...] Compreendera que sua

¹³Relatório da Rede de Observatórios da Segurança (Ramos et al. 2023), com base nas informações das secretarias de segurança pública de oito estados (BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ, SP), constatou em 2022 que 65,66% das vítimas da violência letal cometida por policiais eram pessoas negras, em que um a cada quatro registro de mortes não continham a informação sobre a cor/raça das vítimas. Se considerados apenas aqueles com cor/raça informada, a proporção de negros chega a 87,4%. (Disponível em: <<http://observatorioseguranca.com.br/produtos/relatorios/>>. Acesso em: 09 jan. 2023.

vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. (Evaristo, 2017, p. 109).

Ao perceber o que sua farda viria a representar, fica evidente o porquê do conselho dado por Nêgua Kainda sobre esse caminho não ser seu. Foi necessária a herança de Vô Vicêncio se cumprir em Ponciá para entender que a direção a ser seguida deve ser em favor e não contra os seus, além da importância da construção de um senso de coletividade.

1.3. VÔ VICÊNCIO

O personagem Vô Vicêncio é lembrado por reforçar a questão da ancestralidade, pois, apesar de falecer quando Ponciá ainda era pequena, sua forte presença em toda a narrativa continua através da jovem protagonista, que recebe sua herança ancestral, como também repercute no filho e neto, Luandi. Para além disso, por meio do personagem são apresentadas questões importantes referentes às consequências da escravização do negro após abolição e as formas de enfrentamentos.

De início, o avô é lembrado várias vezes pela semelhança com a neta que repete os atos dele, como no excerto em que se descrevem algumas características do personagem:

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais imagens dele, do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado para trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. [...] Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para menina. (Evaristo, 2017, p. 15).

Ponciá, ao performar as ações do avô, gera estranhamento, uma vez que o avô faleceu quando a menina ainda era muito pequena, não compreendendo como poderia lembrar de tantos detalhes: “A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. Só o pai aceitava. Só ele não se espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a aparência dela com o pai dele.” (Evaristo, 2017, p. 16). Outro elemento que a passagem pode indicar por meio dos termos “mutilado” e “marcas” é a perpetuação da exploração do trabalho não muito distinta ao período da escravização, dando indícios também do ato transgressor ao sistema colonial do avô.

É por meio de fragmentos da memória individual compartilhada que se torna possível descobrir histórias como a de Vô Vicêncio. Após a morte do pai de Ponciá, Luandi

conta a história por trás do braço cotó do avô ouvida em uma das vezes que acompanhou o pai no trabalho, explicando que Vô Vicêncio nem sempre havia sido assim, nascera um homem perfeito, mas se revoltou com a situação que se encontrava e tentou tirar a própria vida:

No tempo do fato acontecido, como sempre os homens, e muitas mulheres, trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus nascidos do “Ventre Livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançou contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independentemente do seu querer. (Evaristo, 2017, p. 44-5).

Em primeiro lugar, podemos pensar a partir de Mbembe (2016), que a situação do sujeito escravizado “[...] resulta de uma tripla perda: perda de um ‘lar’, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social.” (Mbembe, 2016, p. 131). Essa era a condição de Vô Vicêncio, com a dominação absoluta exercida do outro sobre si já não fazia mais sentido viver se equivalesse à morte¹⁴.

Na tentativa de enfrentar esse contexto de barbárie pós-abolição, o personagem mutila-se, em busca de tirar a própria vida. Ponciá define a atitude de Vô Vicêncio com ato de “coragem-covardia”, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de interpretar o suicídio frustrado enquanto fraqueza, também podemos entender, dentro desse contexto, como um ato de coragem, em uma tentativa de romper com o sistema colonial que continuava a cercear a liberdade dos seus, sistema esse que, como apresenta Françoise Vergès (2020), paradoxalmente reduz a morte de sujeitos negros à perda prematura de bens, uma vez que “A escravatura fabrica vidas supérfluas, nas quais nem a vida nem a morte importam, corpos-húmus do capitalismo.” (Vergès, 2020, p. 20). Ao mesmo tempo, a personagem chama atenção para assassinato da

¹⁴Situação que fomenta debates filosóficos desde o século XIX: “Aqueles que chegaram a se submeter à escravidão demonstram sua humanidade quando preferem enfrentar a morte a permanecerem subjugados” (Buck-Morss, 2011, p. 145).

esposa ao definir como também um ato de covardia. Nesse episódio, o pai de Ponciá foge em busca de ajuda, caso contrário haveria de ter sido morto também, pois, assim como não via uma saída para si, não via para o filho também que ainda pequeno era pajem do sinhô moço.

Após o ocorrido, Vô Vicêncio, devido a sua condição, não podia mais trabalhar e nem ser vendido, ninguém teria interesse em um sujeito escravizado sem uma das mãos, passando a ser visto como um “estorvo”. O uso desta palavra pode remeter à ideia de obstáculo, fazendo pensar que, de certa maneira, sua revolta teve efeitos sobre o colonialismo, uma vez que não permitiria mais a exploração de seu corpo¹⁵. A longevidade de Vô Vicêncio possibilitou que ele continuasse a acompanhar a exploração do negro, que encontrou outras formas de preservar-se após o fim da escravização. A morte – nesse caso, a tentativa dela – revela aqui o que pode retratar um “[...] agenciamento, já que a morte é precisamente aquilo por que e sobre o que tenho poder. Mas também é esse espaço em que a liberdade e a negação operam.” (Mbembe, 2016, p. 146).

O episódio é rememorado por Luandi quando o delegado afirma a um rapaz, acusado de roubo por estar rondando uma loja, que se dependesse dele cortava-lhe as mãos e de todos os outros que furtassem:

Ao ouvir o discurso do delegado sobre mandar cortar as mãos, Luandi voltou ao tempo de infância. Viu diante de si a figura do avô com o braço cotoco escondido, rindo-chorando-falando sozinho. Pela primeira vez pensou com carinho. O pai não gostava de Vô Vicêncio. Dizia mesmo que ele era doido, assassino. Tinha matado a mulher e quase se matara depois, se não fosse acudido a tempo. Luandi sabia também que o avô fizera tudo aquilo em um momento de desespero. Não queria ser mais escravo. [...] Se não podia viver, era melhor morrer de vez. (Evaristo, 2017, p. 62).

O excerto revela as impressões dos personagens sobre o ocorrido, em diferentes perspectivas, pontuando questões importantes para sua compreensão. Destacamos que, dentro do entendimento exposto por Luandi, não havia sentido continuar em uma

¹⁵ A lei que o reconhece meramente como "uma coisa" já não pode ser considerada vinculante, ao haver optado pela liberdade em lugar da vida, recusando a mera autopreservação (Buck-Morss, 2011, p. 144-145).

vida sem liberdade, portanto, acaba por entender um pouco as ações do avô. O pai de Luandi, por outro lado, evidencia o quanto a loucura dos atos do pai lhe causavam vergonha, medo e raiva, já que, ao tentar acabar com o sofrimento, tira a vida da própria esposa e, ao falhar em tirar a sua, tornar-se uma lembrança constante do ocorrido para o filho.

No romance, essa dualidade sobre o ato de “coragem-covardia” de Vô Vicêncio complexifica questões importantes para ir além da identidade masculina negra “[...] constituída no patriarcado capitalista supremacista branco está a imagem do indomável, incivilizado, irracional e insensível.” (Hooks, 2022, p. 33). O riso-pranto do personagem evidencia essa contradição, em que dor e alegria se misturam, podendo indicar um mecanismo de defesa do personagem, com o intuito de sufocar sentimentos indesejados. Essas emoções podem ter como causas as vivências do passado que ecoam no presente, fazendo-o recordar das opressões sofridas. Como consequência, a dor e a insubmissão unem-se nesse personagem, e mesmo de forma sutil, sua revolta repercute, e percebe-se uma tomada de consciência sobre seu lugar enquanto grupo oprimido.

1.4. PAI DE PONCIÁ

Outro personagem que, bem como Vô Vicêncio, expõe as dificuldades enfrentadas pelos descendentes de africanos escravizados após a abolição é o pai de Ponciá, de quem a filha pouco recorda, “Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda.” (Evaristo, 2017, p. 16).

Assim como levantada a questão ao tratar do personagem Luandi, que aprende a profissão com o pai ainda bem jovem, o trabalho segue tendo um caráter compulsório, como antes da abolição, e segue presente a obrigação de plantar e colher nas terras do coronel. Desde criança, mesmo nascido após a Lei do Ventre Livre, tinha sido pajem do sinhô-moço, sua obrigação era ser aquilo que o filho do coronel quisesse que ele fosse, “Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai.” (Evaristo, 2017, p. 17). Essa passagem traz um diálogo com uma prática que ocorria naquele momento, presente em outros textos literários como no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o personagem Prudêncio, é submetido à mesma condição. Logo em seguida, fica ainda mais evidente a crueldade do regime escravocrata explicitada no tratamento animalesco dado ao menino pajem:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. [...] Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (Evaristo, 2017, p. 17).

Essa passagem revela uma importante denúncia do vivenciado em um episódio individual, mas que representa o coletivo. Ainda jovem, ele entende as contradições da liberdade alcançada, da opressão enfrentada ali e, por isso, ansiava por uma saída. Mas diferente dos filhos que com muito custo saem do campo em busca de fazer a vida na cidade – mesmo que isso não represente uma mudança efetiva como

esperado –, acaba tendo seu fim nas terras do coronel. Contudo, é devido ao seu falecimento que os filhos veem a necessidade imediata por mudança.

Ponciá aprende as letras do alfabeto com o pai, que, por sua vez, aprendera com o sinhô-moço em uma experiência para tentar descobrir se negro aprendia¹⁶, e quando percebeu que sim, não lhe ensinou mais: “Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.” (Evaristo, 2017, p. 18). O trecho faz referência a duas questões importantes: a concepção do negro enquanto ser inferior, portanto, incapaz de aprender como o branco, e sobre valor do conhecimento para aqueles que realizam trabalhos físicos.

O primeiro ponto pode ser pensado a partir das proposições de Almeida (2019) em que a classificação racial, a qual definiu seres humanos enquanto mais ou menos evoluídos, logo capazes ou não de determinadas práticas, foi um mecanismo colonialista para justificar a dominação de grupos étnicos considerados inferiores. Sendo assim, a ideia de raça segue como um elemento político necessário para justificar a opressão de determinados grupos. Trata-se da colonialidade agindo em nível do ser, ou seja, uma anulação de si enquanto sujeito.

A segunda questão, de acordo com hooks (2022), ainda são marcas resultantes do período da escravização, sendo importante entender que houve uma socialização do homem negro para levá-lo a acreditar que bastava ter habilidades para o trabalho físico, como discutido com Luandi ao questionar a importância de saber ler e escrever¹⁷, mesmo dentro de um sistema que limita sempre quando de seu interesse a ascensão do homem negro, independentemente de suas habilidades: “Eles foram e são ensinados que o ‘pensar’ não é um trabalho valioso, que ‘pensar’ não os ajudará a sobreviver.” (Hooks, 2022, p. 91).

¹⁶ Análogo ao diálogo entre Sócrates e Mênon, personagem-título do livro de Platão, que debatem se um escravo tem capacidade de resolver um problema cuja solução exigiria o conhecimento do teorema de Pitágoras. (Agradeço ao Prof. Vitor Cei pela referência).

¹⁷ O saber ler e escrever pensando aqui em um sentido mais amplo, como um processo inicial, o saber mais básico, necessário para o processo de aprendizado do saber formal que foi historicamente negado às pessoas negras

Além disso, pressupõe-se a ausência de saber vindo daqueles que são o outro, neste caso, os negros, pois, como apresentado anteriormente (Almeida, 2020; Quijano, 2005), um mecanismo importante de dominação está relacionado a invalidação e apagamento dos conhecimentos que não do colonizador.

Outra questão que também chama atenção nesse personagem é o seu silêncio. Ponciá chega a cogitar a possibilidade de os homens serem mudos por quase nunca ouvir suas vozes, pois não compartilhavam suas vivências, felicidades nem frustrações. Quando o pai de Ponciá falece, são apresentados pontos importantes a esse respeito:

Saíra de casa bem e, se não fosse a ausência que sofria, embora nunca reclamasse, da mulher e da filha, poderia dizer que partira quase feliz. O pai de Ponciá não era dado a muitos risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos. Quando menino, não. Apesar dos mandos do sinhozinho e da aparente obediência cega, que era obrigado a demonstrar, ele revelava as suas tristezas com imensas lágrimas, assim como gritava alto os seus risos. Entretanto, foi crescendo e aprendendo a disfarçar o que lá de dentro vinha. Não chorava e também guardava o riso. (Evaristo, 2017, p. 27-28).

Hooks (2006) observa que o ato de conter as emoções enquanto forma de resistir às opressões diárias permaneceu como aspecto importante mesmo após a abolição. Assim, fez-se necessário conservar formas de ocultar suas emoções, uma vez que o racismo não teve fim junto à escravização. Diferente do pai que chegou ao limite de suas emoções e buscou por uma forma de colocar fim ao sofrimento, frustrado acabou no seu riso-pranto, que se torna sua marca da loucura. Desde cedo, o pai de Ponciá aprende a esconder e guardar para si não apenas seu choro, mas também o riso:

[...] de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte (Hooks, 2006, p. 190).

A condição de esconder as emoções está fortemente ligada à construção da masculinidade negra, que será discutida no próximo capítulo. Tal qual em vida, o momento da morte do pai de Ponciá durante o trabalho ocorre de maneira silenciosa, seguido pela canção entoada pelos trabalhadores:

[...] naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu. [...] E só momentos depois, no meio de toada, escutaram um tom, um acento diferente. Eram os soluços do irmão de Ponciá deitado sobre o corpo do pai, que estava de bruço, emborcado no chão (Evaristo, 2017, p. 28).

Em seus movimentos mecânicos e repetitivos do trabalho, demoraram a notar o ocorrido, até Luandi soar um lamento destoante aos dos demais. Fora se curvando aos poucos, como se retornasse à terra, pois, assim como retirava seus frutos agora voltava-se a ela. Passagem que evoca crenças da cultura oral africana sobre a ligação entre tudo aquilo que constitui o universo (Marcelino, 2016).

1.5. MARIDO DE PONCIÁ

Evaristo (2020) observa que os personagens homens são raramente protagonistas em suas obras. Em relação ao marido de Ponciá, “Nem no momento em que ele se humaniza e reconhece a semelhança dele com Ponciá, em termos de sofrimento, de experimentação da solidão humana, o personagem é nomeado.” (Evaristo, 2020, p. 43), invisibilizando, até certo ponto, esses personagens, ainda que não intencionalmente. A partir da construção desse personagem, é possível pensar questões importantes a respeito da masculinidade hegemônica. Em um primeiro momento, nos deparamos com os atos de violência do marido e seu distanciamento por não compreender Ponciá, mas há uma tomada de consciência que possibilita a mudança e o aprendizado com o outro.

Ponciá chama atenção para quanto à situação racial e às condições socioeconômicas de homens e mulheres negras serem lutas diárias que os afetam de modo muito semelhante:

Nas manhãs, quando o homem de Ponciá saía para a lida diária, ela olhava para ele descendo o morro e seu coração doía. Não, ele também não estava feliz. [...] Às vezes ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher. (Evaristo, 2017, p. 48).

Para bell hooks (2019), as atitudes desses homens que sofrem algum tipo de opressão – classe, raça ou ambas – seria reflexo da sua inferioridade em relação a outros que possuem privilégios, as possibilidades diante do outro, o diferente, podem estar dentre as três opções mencionadas por Lorde (2019)¹⁸. O marido de Ponciá, em frente à sua impotência e inferioridade perante a sociedade, exerce algum poder diante de seu privilégio de gênero:

¹⁸ Diante da diferença podemos agir das seguintes formas: “[...] ignorá-las e, se isso não fosse possível, imitá-las se achamos que são dominantes, ou destruí-las se achamos que são subordinadas.” (Lorde, 2019, p. 240).

O homem de Ponciá estava cansado. Sua roupa empoeirada, assim como o seu corpo, porejavam pó. Ele e outros estavam pondo uma casa, antiga construção, abaixo. Tarefa difícil [...]. Ele se lembrava, a cada esforço, do barraco em que moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. (Evaristo, 2017, p. 19).

Os atos de violência, que se repetem na narrativa, não ocorrem sem motivos, mesmo que injustificáveis. Observa-se o esgotamento do marido diante do subemprego e da obrigação de destruir algo que ele não possuía. Silvia Federici observa que os homens trabalhadores impuseram uma dominação sobre as mulheres – iniciada no processo de transição do feudalismo para o capitalismo – como forma de manter um poder diante do capital, mesmo que a custo “[...] da autoalienação e da ‘desacumulação primitiva’ de seus poderes individuais e coletivos”. (Federici, 2017, p. 234). Ponciá, portanto, é subjugada por seu companheiro que a vê como pertencente a um grupo diferente, mulher, e dentro da hierarquia, inferior, assim, por meio dela, encontra sua forma de exercer algum poder diante do capital.

Os homens negros não se beneficiariam, pelo menos em sua totalidade, do que é ser um homem dentro de uma sociedade patriarcal, uma vez que não ocupam um lugar de raça e, na maioria das vezes, de classe dominante. A infelicidade no contexto em que se encontram é evidente para a personagem, ainda que o marido não compartilhe com ela seus risos e prantos, pois da mesma forma que os demais personagens – Luandi, o pai de Ponciá e Vô Vicêncio –, a masculinidade hegemônica não incentiva o homem a demonstrar suas emoções:

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão tinha sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. (Evaristo, 2017, p. 57)

A necessidade de Ponciá era de que o companheiro compartilhasse com ela também suas dores e angústias, entender como se sentia em relação às dificuldades, mas como com os demais homens em sua vida o silêncio masculino segue presente. O patriarcado racista branco já espera que o homem negro seja “[...] indomável, incivilizado, irracional e insensível” (Hooks, 2022, p. 33). Portanto, inicialmente

lidamos com essa faceta de seu marido. Contudo, como mencionado anteriormente, o personagem não permite conclusões precipitadas, uma vez que está, tal como os demais, em processo de transformação no decorrer da narrativa, o que faz com que seus atos de violência ou de tentar tornar-se o opressor não sejam, em sua maioria, suas características definidoras. Algumas das questões apresentadas sobre os personagens serão aprofundadas melhor no segundo capítulo, por estarem diretamente relacionadas às questões de gênero.

1.6. SOLDADO NESTOR E NEGRO CLIMÉRIO

Embora personagens secundários, soldado Nestor e Negro Climério são nomeados, diferentemente da maioria dos personagens. Soldado Nestor tem um papel significativo ao ajudar Luandi a tentar a vida na cidade, as mesmas qualidades concedidas por Luandi ao amigo estão relacionadas ao seu nome, sabedoria e êxito. Já Negro Climério tem em seu nome a marca racial, aspecto importante para tratar do contexto representado. (Arruda, 2007)

O soldado Nestor, aos olhos de Luandi, conquista um lugar tão significativo para um homem negro, pois esse era o sonho do irmão de Ponciá. A representação é por isso bastante simbólica, ainda que a possibilidade de exercer o poder seja colocada em questão por Luandi e o soldado, demonstrando que o racismo permanecia nas práticas, inclusive de seus superiores, evidenciado na passagem em que o delegado afirma serem os dois exceções à regra do negro. Nestor entende o peso das palavras do superior; ele possui também consciência de sua posição de oprimido.

O amigo também tem o importante papel de proporcionar o reencontro de Luandi com a mãe que, tal qual no encontro entre eles, Nestor sentiu que esperava por ela. Ainda que naquele momento já estivesse ciente da história da família de Luandi, o amigo soldado não a conhecia, nem quando ou onde viria a chegar, mas, ao avistar Maria Vicêncio, rememora o sentimento

O soldado contemplava de longe aquela mulher de andar temeroso, agarrada a uma pequena trouxa e que vinha na direção dele. Seu coração se alegrou; sem saber por quê, viveu a sensação de que, em todos os seus anos de ofício, estava a esperar por ela. (Evaristo, 2017, p. 100).

Ao encontrar a mãe do amigo, a felicidade lhe vem como se houvesse encontrado a própria mãe, em um momento tão bem-vindo após a morte da amada de Luandi. Desde o início, Soldado Nestor teve um papel importante em proporcionar os encontros na caminhada de Luandi, seja por conseguir o emprego desejado, seja ao promover o encontro da família, com a exposição das peças de barro fabricadas pela mãe e irmã.

Assim como Negro Alírio, em *Becos da memória* (2017), Negro Climério é tido como um homem perigoso, responsável por “proteger” as prostitutas da denominada “zona”. Com base em seu ofício, podemos pensar a partir do que observa Mbembe:

Como instrumento de trabalho, o escravo tem um preço. Como propriedade, tem um valor. Seu trabalho é necessário e usado. O escravo, por conseguinte, é mantido vivo, mas em ‘estado de injúria’, em um mundo espectral de horrores, crueldade e profanidade intensos. (Mbembe, 2016, p. 131).

Da mesma forma, Biliza tem um preço e sua vida apenas serve enquanto for útil para o seu dono. Por isso, Climério já tratava Luandi com desconfiança ao saber das suas intenções com a jovem, não fazendo nada contra o rapaz por saber de seu trabalho na delegacia, mas levado pelo ódio da possibilidade de perder seu “produto”, Climério tira a vida da jovem. O desejo de Biliza de se ver livre da exploração da cafetina e de Climério é interrompido. Como indicado anteriormente, a jovem alerta Luandi: “Biliza já havia dito, mas ele nunca acreditou que o homem tivesse a tamanha covardia de atentar contra ela.” (Evaristo, 2017, p. 97). Climério não acreditou na real possibilidade de acontecer algo, porém, não podendo agir contra Luandi, procurou pela forma “mais fácil”, agindo sobre quem poderia exercer algum poder.

Retomando a citação de Vergès (2020) sobre os corpos que alimentam o capital, no caso de Biliza, fica evidente que “Para essa economia simbólica e material, o status de pessoa supérflua das mulheres negras associa-se a uma existência necessária, eis aí todo o paradoxo aparente das vidas necessárias e invisibilizadas.” (Vergès, 2020, p. 19-20). Ao mesmo tempo em que a vida de Biliza é supérflua, podendo facilmente ser retirada, enquanto mercadoria que lhe pertence, é também necessária para servir ao capital.

A ocupação de negro Climério muito se assemelha à figura do capataz, aquele responsável pelas tarefas “sujas” contra seu próprio grupo étnico, um efeito dos processos de diáspora e colonização (Arruda, 2007). Tal como os outros personagens, há uma consciência que perpassa Climério sobre seu pertencimento a um grupo oprimido. Ainda que seja um crime bárbaro, assim como o cometido por Vô

Vicência, ou a violência lançada contra Ponciá por seu marido, atos cometidos contra mulheres, mesmo sendo injustificáveis, representam uma possível resposta à condição vivenciada, pois, como aponta Fanon (2020), há uma necessidade de liberar por meio da violência, um caminho de saída, as energias acumuladas pelas opressões sofridas de classe e raça que fazem com que homens negros enfrentem as piores imposições de identidade patriarcal, como observa hooks (2022), o que em sua maioria ocorre por meio da violência.

1.7. FIO JASMIM E OS MAQUINISTAS

Em *Canção para ninar menino grande* (2022), a história do protagonista Fio Jasmim nos é contada à medida que conhecemos cada nova mulher a cruzar seu caminho, mesmo que a maioria delas entrassem e saíssem de sua vida mais rápido do que o trem conduzido por ele. A narrativa inicia e encerra com Tina, com quem ele mantém uma relação extraconjugal durante 35 anos, e quem compõe e dedica a ele a música que intitula o livro (Duarte; C, 2020).

Nesse personagem observamos uma certa dualidade, visto que nele é expressa a figura: “[...] do homem conquistador e do conquistado; do sedutor e do seduzido; do assediador e da vítima de assédio”. (Duarte; C, 2020, p. 138). Um aspecto que chama atenção é o nome do protagonista, um elemento que sempre tem muito a dizer nas obras de Evaristo e, conforme o caminhar da narrativa, a sucessão de acontecimentos que colocam em questão a masculinidade aderida por Fio, ruindo, são explicitadas as prováveis conotações de seu nome: “[...] fio-corte de um instrumento; e jasmim-flor, que remete à sensualidade e ao erotismo do perfume que melhor se revela à noite. Sem esquecer que ‘fio’ é ainda a corruptela de filho – que permanece para sempre dependente e imaturo...”. (Duarte; C, 2020, p. 138). Nesse último ponto destacado por Duarte, vemos que, até certo momento, Jasmim segue de fato sendo dependente e imaturo, tido como o menino sem juízo de moleira aberta. Já sobre sua tendência sugerida pela flor jasmim, corrobora para a imagem estereotípica do homem negro viril, o que, em parte, reflete as ações de Fio, como discutiremos no capítulo seguinte.

Outro aspecto importante referente ao nome é apresentado no sobrenome utilizado pela família de Neide Paranhos da Silva, a primeira mulher a ter sua história contada. O “Paranhos” é herdado por sua família durante a escravização, o que chama atenção é o fato de, nesse caso, diferente de quando tratamos dos Vicências, atribuído à família de Ponciá, é subvertido o sentido inicial apresentado por Duarte (2006), em que era atribuído o sobrenome da família escravocrata aos escravizados para identificá-los enquanto seus. Para a família de Neide, manter o sobrenome representa uma reivindicação daquilo que foi conquistado às custas dos seus:

A manutenção do nome dos descendentes dos antigos colonizadores, cuja família era tradicional na cidade, para o clã descende de africanos escravizados, ganhara um sentido de enfrentamento aos brancos “Paranhos”. Para além de ser um destino histórico, era uma velada reivindicação de uma fortuna familiar dos brancos, que em grande parte era de pertença dos negros “Paranhos”. (Evaristo, 2022, p. 23)

Tal qual o sobrenome “Silva”, tê-lo expressa a impossibilidade de resgatar seus nomes de origem africana, faz parte também de uma afirmação contra as injustiças enfrentadas pelos sujeitos escravizados e seus descendentes, aqueles que têm suas origens apagadas. Não por acaso, é dentro desse contexto que Fio recorda do episódio da infância ao pensar nos pés de Neide, referência ao conto de Cinderela, em que então tinha na sua presença uma “Cinderela negra”, entretanto, diferente da lembrança, agora poderia ser o Príncipe negro:

Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora, Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel de príncipe, chamando, para o jogo cênico, um menininho loiro, ele agora poderia ser tudo. Seria então o Príncipe Negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas cinderelas, quanto o seu coleguinha branco, com certeza, estava encontrando na vida. Eles eram homens. E, que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (Evaristo, 2022, p. 22)

Esse excerto revela a mágoa guardada por Jasmim diante daquilo que, por um certo tempo – como enuncia a narradora –, não percebia. Ele até poderia ser homem como o branco, mas mesmo compartilhando o gênero isso não seria suficiente para torná-los iguais. Fio segue em busca de reparar esse episódio enfrentado quando criança, utilizando daquilo que ele enquanto homem negro poderia usufruir a seu favor: o sexo, como arma para alcançar o fim que deseja, conquistar muitas mulheres e enfim igualar-se ao branco. A afirmação de sua masculinidade e seu potencial para conquistar mulheres não se dá unicamente por essa razão, da mesma maneira que observamos em Luandi sobre a figura paterna, o pai de Fio Jasmim, Máximo, ocupa o lugar de modelo a ser seguido e, como veremos adiante, esse personagem influencia os atos do filho por meio de suas práticas e ensinamentos.

Outros homens que endossam as práticas do rapaz são seus companheiros de trabalho, os maquinistas, mais velhos e experientes, que se divertem com as

aventuras do jovem, como se de alguma forma eles fizessem parte também. Contudo, quando, em uma de suas aventuras, Fio esquece por completo do tempo e atrasa a partida do trem, foi severamente repreendido pelos maquinistas. Não tendo como justificar o primeiro atraso em cerca de cem anos da Companhia Ferroviária Nacional, é evidenciado um discurso sobre o erro humano como inconcebível:

Máquinas estragam, trilhos partem, ribanceiras despencam, águas invadem estações...Homens não podem falhar, não podem perder a hora e, se adoecerem, devem avisar antes para serem substituídos ou então trabalhar doentes, para morrerem segundos depois, ao deixarem o posto de trabalho. Como Fio Jasmim cometera tamanha irresponsabilidade? Aquilo não era papel de homem, não era... E essa foi a única vez, em toda a carreira profissional de Fio Jasmim, em que ele perdeu a hora de trabalho. Ele sabia o tamanho de seu erro. Seu pai, seus tios, seus primos mais velhos, todos os homens de sua família eram homens de trabalho. Homens de ferro, de barro não, pois barro quebra... (Evaristo, 2022, p. 48-49)

O trecho do romance contempla o que Vergès (2020) afirma serem os “corpos-húmus do capitalismo”, sendo assim, a sociedade patriarcal capitalista não é afetada por esses cuja vida é considerada supérflua, pelo contrário, devem morrer, caso seja preciso em função do bom funcionamento de seus trabalhos. E, podemos estabelecer um diálogo com *Ponciá Vicêncio*, ao mencionar os homens de barro que, diferente dos de ferro, aqui identificados, quebram. Essa imagem ainda pode ficar mais evidente ao pensarmos no homem de barro que representaria o avô feito por Ponciá –, uma vez que quebra, em vários sentidos: ao não cumprir com o seu papel masculino de sustento e proteção, ao sucumbir ao desespero e tentar tirar a própria vida, ao matar a esposa, ao tornar-se um estorvo incapaz de sustentar a si próprio. À vista disso, é esperado um comportamento bastante diferente de Fio, como veremos no próximo capítulo, aquilo que é esperado dele em uma sociedade patriarcal racista, que ele faça o papel de representante desse poder em seu lar e performe características estereotípicas atribuídas ao negro.

A partir das condições em que se encontram os personagens discutidos neste capítulo, buscamos destacar a complexidade daquilo que compõe as vivências de cada um desses sujeitos negros perpassada por questões de classe e raça, categorias que não se excluem entre si, mas se acumulam. No próximo capítulo, procuramos discutir o último ponto da intersecção, o gênero, e, por meio dele, pensar as

contradições e complexidades envolvidas ao tratar da masculinidade de homens negros e os impactos nas relações com as mulheres negras.

2. GÊNERO: HOMENS NEGROS E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Como apresentado no capítulo anterior, em razão da intersecção de opressões de classe e raça, homens negros em sociedades modernas coloniais acabam não recebendo os “dividendos do patriarcado”, os benefícios provenientes desse modo estruturado em um plano de aniquilamento: “Mesmo que os homens negros tentem performar os elementos da masculinidade hegemônica patriarcal, eles não são estruturalmente proprietários de capital-Homem e, logo, não usufruem plenamente desse projeto – que também os aniquila.” (Hooks, 2022, p. 17), o que nos leva ao último ponto da intersecção, o gênero. A importância de tratar de todas essas categorias (gênero, raça e classe) consiste no fato de não ser possível restringir a uma que sobressaia, uma vez que agem em conjunto para construção de desigualdades (Collins, 2019).

Analisamos aqui a construção da imagem de controle do homem negro criada dentro do contexto colonial, sua persistência e impactos nas relações com mulheres negras. Essas relações são analisadas dentro de dois aspectos que compõem o estereótipo da masculinidade negra e que afetam diretamente essas relações, de acordo com características identificadas por Dalcastagnè (2008) na produção literária: a violência patriarcal e a sexualidade. Essas, por sua vez, são observadas nos personagens e analisadas a partir dos trabalhos de Rita Segato (2018; 2021) e hooks (2022). Seguiremos com esse referencial teórico feminista negro e decolonial, uma vez que essa perspectiva está para além de tratar apenas de gênero, pois trata da intersecção de opressões, que assim como a raça, por exemplo, está estabelecida sobre um determinismo biológico (Vergès, 2020), não se limitando também ao estudo da categoria mulher, pois a ideologia patriarcal afeta tanto mulheres quanto homens.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEUS PAPÉIS

Para apresentarmos sobre o que hoje entendemos enquanto gênero masculino e o papel subentendido nisso, é importante ressaltar que a construção da performance do sujeito inserido nessa categoria passa por um ponto de mudança significativa quando falamos de contextos de países que enfrentaram o processo de colonização europeia. Essas diferenças podem ser exemplificadas na seguinte passagem da obra *Pele negra, máscaras brancas* (2020), de Frantz Fanon:

As reações, os comportamentos que nasceram com a chegada dos europeus em Madagascar, não se adicionaram aos preexistentes. Não houve aumento do bloco psíquico anterior. Se, por exemplo, os marcianos quisessem conquistar a Terra e procurassem não iniciar os terráqueos à cultura marciana, mas literalmente colonizá-los, duvidamos da perenidade de qualquer personalidade. [...] E se os pretos são impermeáveis aos ensinamentos de Cristo, não é porque sejam incapazes de assimilá-lo. Compreender algo novo exige disponibilidade, preparação, exige uma nova formação. É utópico esperar do preto ou do árabe que se esforcem para inserir valores abstratos na sua Weltanschauung, quando eles mal conseguem comer o suficiente para matar a fome. (Fanon, 2020, p. 1109-110)

Dessa passagem podemos levantar algumas questões, a primeira é que o autor busca ressaltar o quão distante estão as culturas envolvidas no processo de colonização. Já outro ponto importante é o fato das organizações sociais nos territórios invadidos serem desprezadas, ou no mínimo modificadas, com a finalidade de facilitar a dominação, recebendo, assim, novos valores a serem seguidos. Posto isso, podemos considerar que, sendo a colonização realizada por uma sociedade dividida e hierarquizada em gênero, é esperado que esse e outros modos sejam impostos, mesmo que haja resistência e dificuldade em assimilá-los.

Para discutir as relações que passam pela construção do gênero, partiremos das considerações feitas por Lugones (2020) ao tratar de como a ideia do homem e da mulher chegou no contexto da colonização, visto que apresentam particularidades importantes:

[...] as pessoas colonizadas se tornaram machos e fêmeas; machos se tornaram não humanos-como-não-homens, e fêmeas colonizadas

se tornaram não humanas-como-não-mulheres. Consequentemente, as fêmeas colonizadas nunca foram entendidas como faltantes, porque elas não eram comparáveis aos homens, sendo transformadas em viragos. Os homens colonizados não eram entendidos como faltantes, porque não eram comparáveis às mulheres – o que é entendido como “feminização do homem” colonizado parece mais um gesto de humilhação, atribuindo a eles uma passividade sexual representada pela constante ameaça de estupro. Essa tensão entre hipersexualidade e passividade sexual define um dos domínios da subjetividade masculina do colonizado. (Lugones, 2020, p. 359)

Partindo de Quijano, ao tratar da *colonialidade do poder* – mencionado no capítulo anterior –, Lugones amplia e questiona o pensamento do autor no que se refere às questões de gênero. Segundo a autora, ele aceitaria o entendimento de gênero dentro da perspectiva capitalista, eurocêntrica e universal. E, como já mencionado, os grupos colonizados não eram considerados humanos, logo não poderiam, dentro desse raciocínio, serem classificados enquanto homens ou mulheres. Contraditoriamente, mesmo os considerando fêmeas e machos, de maneira que se classificaria os seres não humanos, isso não os impediu de serem julgados feminilizados ou masculinizados quando seus comportamentos não fossem condizentes com a concepção do colonizador de norma de comportamento correspondente à de cada gênero.

Diferente de Paredes e Segato, como veremos a seguir, para Lugones (2020), a questão de gênero dentro do contexto colonial aparece de maneira um pouco distinta. A pesquisadora elabora um conceito denominado *colonialidade de gênero*, tratando-se de uma depreciação que se estende para além no âmbito racial no processo de colonização, também uma imposição de gênero. Nesse sentido, há uma intersecção de opressões de gênero e raça, tornando as mulheres subjugadas duplamente por seus colonizadores e os homens colonizados. Lugones (2020) entende não haver hierarquias baseadas em gênero no contexto pré-invasão, pois os homens colonizados foram levados a aderir às práticas do colonizador em função de manter algum poder, sem haver um aproveitamento de estruturas pré-existentes. No mesmo caminho, encontra-se o pensamento da nigeriana Oyèrónkè Oyěwùmí (2020) ao opor-se à universalização da concepção eurocêntrica de gênero, pois enxerga nela uma tentativa de apagar as diferentes concepções sobre gênero, trazendo assim uma visão que supõe uma organização baseada nessa categoria que não necessariamente existiu no contexto anterior às invasões coloniais.

Enquanto na perspectiva apresentada por Rita Segato (2021) são confirmadas estruturas hierárquicas nas sociedades anteriores às invasões baseadas em gênero, percebendo que haveria um agravamento dessas estruturas existentes com a chegada do colonizador, em um encontro de patriarcados:

Esses mundos-aldeia seguiram caminhando ao lado do mundo sob intervenção da colonial-modernidade. No entanto, quando foram colocados sob a pressão da colonização, a influência da metrópole e da república exacerbou as hierarquias já existentes (as de casta, status e gênero como um tipo de status), que se tornaram autoritárias e perversas. (Segato, 2021, n.p.)

Esse evento descrito de acentuar as organizações hierárquicas já existentes, no caso da opressão de gênero, Julieta Paredes (2008) irá denominar como sendo um *entroncamento de patriarcados*, ou seja, o encontro entre um patriarcado de baixa intensidade, não letal, presente no mundo anterior às invasões, com o patriarcado de alta intensidade, letal, trazido pelos colonizadores.

Para Segato (2021), a hierarquia estabelecida com base no gênero, existente já antes das invasões, um patriarcado de baixa intensidade, com novas características implantadas e reforçadas no contexto pós-invasão, modificaram o arranjo existente, tendo como uma de suas consequências a tomada da esfera pública pelos homens:

[...] os homens pré-coloniais estão divididos entre duas lealdades: a lealdade ao código patriarcal, que os obriga a se curvar aos vencedores e a cumprir suas regras, e a lealdade ao seu povo – família, comunidade e cultura. Por isso, é possível afirmar que a presença de um domínio patriarcal pré-colonial tornou o homem vulnerável à intrusão colonial e abriu as portas para a colonização (Segato, 2021, n.p.)

Nesse aspecto, os homens colonizados sofreram uma pressão enorme entre manter-se leal à comunidade ou ao laço de poder do gênero compartilhado com os colonizadores. Logo, é utilizada dessa posição masculina ancestral para mediar os responsáveis por construir e manter a colonialidade (Segato, 2021). Sejam conflitos ou negociações, as ações foram feitas entre os homens e os colonizadores, papel que permanece até atualmente no Estado moderno colonial. A intenção em negociar com estruturas masculinas já existentes ou produzidas com o propósito de criar aliados

facilitou a dominação. Dentro desse mecanismo, as distinções partindo pelo viés do gênero tiveram um papel fundamental nas ações antipolíticas, pois por meio delas foi possível reforçar uma inegável hierarquia “natural”¹⁹ que precisa ser refeita na organização cotidiana (Arruda, 2007).

Com isso, ocorreram perdas significativas de poder na esfera pública para as mulheres (Segato, 2021), espaço esse que possuía uma importância diferente dentro do contexto pré-invasão:

No mundo-aldeia, a esfera política pode ser mais prestigiosa, mas não é universal nem abrangente – ela é uma parte do todo, assim como a esfera doméstica. Ambos os espaços são considerados ontologicamente completos e nenhum pode substituir o outro. (Segato, 2021, n.p.)

Esse entendimento estabelece valores diferentes aos espaços político e doméstico, impactando diretamente nos papéis de gênero, uma vez que a esfera pública se apropria dos mecanismos responsáveis pelas decisões relativas ao social e com a retirada do poder de atuação da mulher no espaço público, destinando-a ao privado e desvinculando-o do gerenciamento público. Como resultado disso, os acontecimentos na cena doméstica passam a ser considerados sem relevância para o público, pois há uma despolitização desse espaço, deixando-o desprotegido. Isso ocorre devido a alteração do modo ancestral que agia sobre as deliberações no espaço público. Logo, as violências destinadas às mulheres, até o próprio feminicídio, repetidamente impunes, são resultantes da ordem colonial moderna que limitou a área de atuação feminina e retirou o valor daqueles que permaneceram sob a responsabilidade delas (Segato, 2021).

Com o encontro de patriarcados construiu-se uma masculinidade através da iniciação, em que o sujeito homem, para adquirir sua masculinidade, deve passar por provações. Nessa realidade, é importante que os homens sejam orientados pela masculinidade, pois estarão sempre sob vigilância de seus semelhantes:

¹⁹ Essa naturalidade se consolida no fato de homens e mulheres serem visivelmente diferentes em sua anatomia.

Ele deve confirmar e reconfirmar sua resistência e agressividade, bem como sua capacidade de dominar as mulheres e extrair delas o que chamo de 'tributo feminino', a fim de demonstrar que possui toda a variedade de poderes – físico, marcial, sexual, político, intelectual, econômico e moral – que lhe permitiria o reconhecimento como um sujeito masculino. (Segato, 2021, n.p.)

Aspectos estes que serão observados ao analisarmos os personagens na próxima seção. As mudanças nas sociedades pós-invasão ocorreram de maneira sutil, como apresenta Segato, visto que são mantidas as nomenclaturas com intuito de aparentar a continuação da ordem tida até aquele momento, porém passam a ser geridas por um novo grupo:

Uma falta de clareza sobre as mudanças ocorridas faz com que as mulheres se submetam aos homens, sem saber como responder à sua frequente afirmação de que “sempre fomos assim”. Dessa maneira, nasce uma forma insidiosa de manipulação. Os homens argumentam que, se a hierarquia de gênero for modificada, sua luta pela continuidade como povo será prejudicada, porque sua identidade como forma de capital político, cultural e simbólico será prejudicada. (Segato, 2021, n.p.)

Logo, passa a haver uma forte resistência dentro desse contexto repleto de outras questões que restringem grupos marginalizados para se discutirem problemas relacionados a gênero praticados entre eles, pois há um entendimento que ao expor e criticar as condutas de um povo já sem poder, enfraquecer-se-iam as suas demais necessidades por direitos e terras, como o caso de certas etnias indígenas, por exemplo.

Ainda sobre a masculinidade é importante destacar que não deve ser entendida como correspondente a homem, já que se trata de uma construção social. Destacamos também que as masculinidades não são iguais, que há inclusive masculinidades entendidas como subordinadas, reforçando a concepção do patriarcado não favorecer a todos os homens de maneira igual. Essas consideradas subordinadas referem-se aquelas performadas por homens negros – sobre as quais discutiremos –, gays, pobres, dentre outros grupos marginalizados. Mas em se tratando da masculinidade patriarcal, envolve:

[...] lugares de privilégio que fazem com que a maioria dos homens receba dividendos patriarcais com base em uma dita subordinação geral das mulheres. Para ela, existem masculinidades hegemônicas (ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis)” (Conrado, M.; Ribeiro, 2017, p. 81).

Trata-se da mesma *norma mítica* mencionada por Lorde (2019). Homens negros foram levados a acreditar que ao adotarem os mesmos modelos dos brancos, após alcançada a liberdade da escravização, assumiriam a posição de patriarcas e cuidariam de suas famílias. Contudo, o exemplo mais predominante de patriarcas não era aquele pregado, de homens benevolentes, mas sim daqueles que dominavam com violência, da mesma forma que haviam agido com os escravizados (Hooks, 2022). Essa norma de masculinidade tende a ser constantemente reforçada; hooks (2022) aponta elementos que compõe a formação patriarcal da masculinidade desde o período da infância: “[...] os meninos não devem expressar emoções ou receber cuidado emocional é mais cruel e implícita na socialização da primeira infância de meninos negros” (Hooks, 2022, p. 162). Por isso, é possível notar que o primeiro grupo a ser afetado, de maneira tão cruel quanto com as mulheres pela doutrina patriarcal são os homens, com ênfase nos negros, já que são interseccionados pelas questões comentadas no capítulo anterior, as opressões de raça e de classe. Dentro desse período da infância, para garotos negros: “A imagem de homens negros emasculados e castrados está tão presente na imaginação cultural que muitos pais negros sentem que é crucial treinar os meninos para serem ‘durões”” (Hooks, 2022, p. 162)²⁰.

A partir disso, homens negros são convencidos de que o responsável por seus insucessos são as mulheres negras ao assumirem a liderança de seus lares. Por conta de ocuparem o papel de provedoras do espaço privado, exclusivamente ou não,

²⁰É importante considerar uma crítica feita por Conrado e Ribeiro (2017) sobre a ideia da castração e emasculação simbólica dos homens negros, apresentada por hooks: “[...] uma divulgação de explicações parciais sobre a violência de gênero contra as mulheres negras nas quais homens negros são apresentados como os seus autores principais, retirando a responsabilidade do Estado, das instituições públicas e de sujeitos não negros privilegiados”. (Conrado, M.; Ribeiro, 2017, p. 84). Ademais, reforçaria o estereótipo da mulher negra enquanto ser forte e capaz de resistir muito mais do que os outros. Nesse sentido, o que é exposto por hooks é uma das possibilidades de interpretação do que é vivenciado por famílias negras e é utilizado devido a pertinência para o estudo aqui realizado que explora as relações entre gêneros, mas não devemos esquecer o peso que grupos não negros e o Estado têm na perpetuação desse cenário e nem reforçar o estereótipo de força feminina negra.

estariam castrando²¹ seus companheiros. Discurso que tenta mascarar o real motivo, em se tratando das ações praticadas pelos homens negros: “As principais razões para a disfunção nas famílias negras são a lealdade cega ao pensamento patriarcal sobre papéis sexuais e o acoplamento desse pensamento a crenças religiosas fundamentalistas. A cultura dominante cria disfunção familiar.” (Hooks, 2022, p. 205). Segundo a autora, a tentativa de se adequar ao seguimento do pensamento patriarcal racista é o verdadeiro responsável pelas mazelas enfrentadas pelos negros.

Semelhante ao contexto estadunidense exposto por hooks, no Brasil, Lélia Gonzalez afirma que, no momento pós-abolição no Brasil, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade, sendo responsável pelo sustento moral e por garantir a subsistência dos demais membros da família. Isso significou duplicar o trabalho físico, ao serem obrigadas a se dividirem entre assumir trabalhos fora do ambiente privado, em sua maioria na terceirização do trabalho doméstico na casa da patroa²² e os que já possuíam em seus lares (Gonzalez, 2020). Retomando a ideia de que nas relações construídas em sociedades capitalistas, o ganho de um grupo está necessariamente atrelado à perda de outro.

Françoise Vergès apresenta aspectos que seguem repercutindo na estruturação de famílias negras na atualidade e que, conseqüentemente, influenciam na construção dos papéis de gênero:

A temporalidade escravidão/abolição coloca a escravidão colonial em um passado histórico, e assim ignora o fato de que as estratégias de racialização e sexualização continuam projetando suas sombras em nosso tempo. [...] Sabe-se que, sob um regime de escravidão, a qualquer momento se podiam arrancar os filhos de suas mães; que elas não estavam autorizadas a defendê-los; que as mulheres negras estavam à disposição dos filhos de seus proprietários como amas de leite; que meninas e mulheres negras eram exploradas sexualmente e que todos esses papéis estavam submetidos aos caprichos do senhor de escravos/as, de sua esposa e seus filhos/as. Os homens eram

²¹ O uso do termo “castração” aqui por hooks (2022) se refere ao impedimento dos homens negros, por parte das mulheres, de exercerem o papel de chefes da família, provedores, como é definido pela norma patriarcal.

²² Vale lembrar que, quando falamos de terceirizar o serviço doméstico, é em virtude desse trabalho ser entendido enquanto trabalho feminino, que dentro de uma perspectiva feminista liberal deve ser uma ocupação superada pelas mulheres. Contudo, quando mulheres brancas de classe média e alta passam a ocupar a esfera pública, mulheres negras não só já trabalhavam fora como passam a ser responsáveis pela libertação desse outro grupo de mulheres.

privados do papel social de pai e de companheiro. (Vergès, 2020, p. 52-3)

Percebe-se, portanto, que essa desestruturação das famílias, determinada por lei, segue ecoando nas medidas tomadas pelo Estado, influenciando diretamente os grupos minoritários, negros e indígenas (Vergès, 2020). E tendo sofrido o processo de colonização e posteriormente escravização, perdurando por séculos, é presumível que as práticas impostas durante tanto tempo tenham sido a tal ponto internalizadas que mesmo após a abolição persistiram. Isso se apresenta, por exemplo, nas práticas observadas de grande parte dos homens negros após a escravização, ao passarem a seguir de exemplo os escravocratas e, reproduzindo suas práticas, utilizavam de violência para controlar mulheres negras: “Alguns homens negros recém-libertos levaram suas esposas ao celeiro para bater nelas, assim como o senhor de escravos um dia havia feito com eles.” (Hooks, 2022, p. 47).

Nesse exemplo de hooks, vemos que com o fim da escravização a masculinidade patriarcal fez-se adotada pela maior parte dos homens negros. Apesar disso, houve quem se recusasse a aderir a essas práticas, encontrando espaço entre grupos formados por povos originários (Hooks, 2022), pois, como afirma Gonzalez (2020), suas bases se diferem ao pensamento branco hegemônico em vários pontos e um deles é o olhar sobre o gênero:

Nossos antepassados vieram da África para o Brasil como escravos para trabalharem nas plantações de cana, nos engenhos etc. Nos reinos e impérios africanos de onde vieram, as mulheres eram tratadas com grande respeito e, em muitos deles, elas até chagavam a ter participação política. A valorização da mulher pelas diferentes culturas negro-africanas sempre se deu a partir da função materna. É por aí que a gente pode entender, por exemplo, a importância que as “mães” e “tias” iriam ter não só na formação e desenvolvimento da religiões afro-brasileiras (candomblé, tambor de mina, umbanda etc.) como também em outros setores da cultura negra no Brasil. (Gonzalez, 2020, p. 201)

Apesar da tentativa de apagamento das organizações de gênero vistas nos povos africanos escravizados, é possível observar a manutenção dessas particularidades dentro das religiões de matriz africana. Contudo, em geral fora desses contextos, com o passar do tempo, a masculinidade patriarcal se torna um modelo aceito por grande parte dos homens negros à medida que os direitos vão sendo conquistados e a ajuda

das mulheres negras parece não ser mais fundamental na luta política. O resultado disso é a violência, em grande parte, destinada às mulheres, pois: “O machismo e a suposição do direito masculino de dominar servem como catalisadores para essa violência.” (Hooks, 2022, p. 121). Sendo, por vezes, a reivindicação de sua masculinidade realizada através de meios inadmissíveis pela sociedade, a violência, como alternativa encontrada por eles para alcançar o lugar socialmente possível de autoridade e controle (Hooks, 2022). A postura tomada pelo homem negro é resultado de uma construção:

Ensinados a acreditar que o mundo está contra eles, que estão condenados a ser vítimas, assumem uma postura vitimista – primeiramente, adotando os ideais de masculinidade patriarcal que tornam a dominação aceitável e, em seguida, recorrendo à misoginia e ao machismo como formas de experimentar seu primeiro uso da violência, psicológica ou física, para controlar outro ser humano. (Hooks, 2022, p. 128)

Portanto, no contexto do patriarcado, as mulheres são, em sua maioria, suas vítimas e em se tratar de uma violência desferida a elas, não há uma comoção social, conseqüentemente, assim como um vício não controlado tenderá a se agravar cada vez mais (Hooks, 2022). Outro ponto chave apresentado por hooks, em se tratando da imagem do homem negro, está ligada à sexualidade, é através do sexo que tentam compensar as questões da masculinidade branca, as quais não o contempla:

Na vida afro-estadunidense segregada, o sexo patriarcal não foi apenas o meio para afirmação da masculinidade, foi também reconceitualizado no espaço da negritude como um prazer para homens negros que não estavam recebendo todas as vantagens da masculinidade patriarcal em cenários onde os homens brancos ainda controlavam o espetáculo. (Hooks, 2022, p. 142)

Homens negros, ao adotarem as concepções do patriarcado sobre a masculinidade, veem o sexo proveniente da vontade masculina e esse cenário não se restringe ao contexto estadunidense. Logo, seria necessária apenas a existência desse desejo masculino para haver ou não relações sexuais. Em se tratando da sexualidade de homens negros, a prática do sexo de forma compulsiva é retratada como um tipo de poder, contudo, na verdade, pode apontar uma forte fraqueza. Ainda que os mitos referentes à sexualidade negra corroborem para a construção de uma imagem do

homem negro como “[...] ladrão de mulher’, um herói erótico que leva uma vida de prazer eterno, por trás da máscara permanece a realidade do sofrimento. ‘Ele não consegue ter satisfação’” (Hooks, 2022, p. 144). A insatisfação torna-se um elemento provocador de ódio, admissível e até previsto, dentro desse contexto, emoção que terá um papel ao tratarmos de situações de violência sexual, por exemplo (Hooks, 2022).

Almeida (2021) lembra que a reprodução de diferenças baseadas em raça e gênero depende do controle socioestatal sobre o corpo das mulheres, um mecanismo fundamental ao evocar uma diferença tida como “natural”:

[...] os racismos que codificaram a biologia em termos culturais têm sido facilmente introduzidos com novas variantes que circunscrevem o corpo numa ordem disciplinar e codificam a particularidade cultural em práticas corporais. As diferenças de gênero se tornam extremamente importantes nesta operação antipolítica, porque elas são o símbolo mais proeminente da irresistível hierarquia natural que deve ser restabelecida no centro da vida diária. As forças nada sagradas da biopolítica nacionalista interferem nos corpos das mulheres, encarregados da reprodução da diferença étnica absoluta e da contaminação de linhagens de sangue específicas. A integridade da raça ou da nação, portanto, emerge como a integridade da masculinidade. Na verdade, ela só pode ser uma nação coesa se a versão correta de hierarquia de gênero for instituída e reproduzida. A família é o eixo para estas operações tecnológicas. Ela conecta os homens e as mulheres, os garotos e as garotas à comunidade mais ampla a partir da qual eles devem se orientar se quiserem possuir uma pátria. (Almeida, 2021, p, 101-102)

A hierarquia de gênero e a integridade da masculinidade aparecem, assim, como pontos centrais dentro da sociedade patriarcal. Portanto, tal como a identidade de gênero feminina é uma construção social, lembrada na célebre frase de abertura do segundo capítulo de *O segundo sexo*, de Simone Beauvoir – “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2019, p. 11), da mesma maneira ocorre com os homens, é uma construção externa a eles, “[...] pois o arbítrio cultural transforma-se em natural, e a divisão entre os sexos passa a fazer parte ‘da ordem das coisas’, a ponto de ser inevitável.” (Duarte, C., 2020, p. 138). Sendo assim, a identidade de gênero para os homens também age por meio da imposição de uma série de comportamentos:

Se ao homem cabe ser agressivo, racional, forte e seguro de si, em contrapartida as mulheres deveriam se conservar inseguras, ingênuas, carinhosas e passivas. Para tanto, a sociedade investe na naturalização desse processo, lançando mão de leis, educação, trabalho, propaganda etc. (Duarte, C., 2020, p. 139)

O que podemos concluir com a afirmação da autora é que, no mundo moderno, passa a haver somente relações baseadas no binarismo, distinto da organização dual em que se trata de dois complementares, a organização binária refere-se à origem de um grupo universal, hierarquicamente superior ao restante, e os demais passam a ser entendidos como os outros (Segato, 2021). Retomando a colocação de Lugones (2020), ao falar sobre a dicotomia entre humano e não-humano ser central para a modernidade colonial, a diferença entre homens e mulheres seguiria a mesma lógica.

Exposto isso, podemos concluir que, seja considerando a perspectiva de Paredes e Segato, de haver uma hierarquia pré-invasão baseada em gênero e, portanto, ocorreria um entroncamento entre o patriarcado de baixa e o de alta intensidade; ou a ausência de hierarquias nessas sociedades anteriores às invasões com base no gênero, como defendido por Lugones e Oyèwùmí, entendemos que há uma inegável diferença no que se refere ao gênero entre o período anterior e posterior às invasões pelos colonizadores. Ademais, dentro de uma perspectiva que busca ultrapassar a concepção colonial de universidade, entendemos que poderia haver sim sociedades anteriores ao processo de colonização em que já existia algum tipo de hierarquia estabelecida com base no gênero, enquanto outras não. Trata-se, na verdade, de pôr enfoque nos responsáveis por essas mudanças e seus efeitos.

Por isso, dentro desse cenário, é importante reforçar a necessidade de considerar que, perspectivas como as do feminismo eurocêntrico pressupõem uma universalidade do patriarcado, mascarando no discurso da luta de gênero sua busca por colonizar, nas intervenções em grupos étnicos diferentes, desconsideram as especificidades e seus contextos:

O feminismo eurocêntrico defende a superioridade moral autodeclarada das mulheres europeias e europeizadas, autorizando-as a intervir com sua missão “moral” civilizadora, modernizadora e colonial – a chamada e conhecida missioncivilisatrice do Ocidente. (Segato, 2021, n.p.)

Logo, pressupor um universalismo do patriarcado é falacioso. Seja dentro da perspectiva de que não havia opressão no mundo pré-invasão ou que havia, mas tratava-se de um patriarcado não letal, um patriarcado que era e, possivelmente, continua sendo, diferente, com particularidades que não podem ser ultrapassadas através de soluções pensadas a partir de outros contextos. Em sua maioria, ocorre devido a alienação diante das questões raciais dessas linhas de pensamento, como aponta hooks (2022). Exemplo do não funcionamento está no insucesso dos planos de organização de gênero adotados por programas de cooperação internacional que pressupõem uma universalidade do gênero, partindo, obviamente, do entendimento eurocêntrico que desconsidera os diferentes contextos.

Dentro do exposto veremos que, assim como os brancos, os homens negros também utilizam de seu privilégio de gênero, ainda que limitado por questões de raça e classe. Contudo, em *Canção para ninar menino grande*, mesmo Fio Jasmim assumindo o discurso patriarcal aprendido, as respostas das mulheres com quem se relaciona são distintas (Duarte, C., 2020). Esse comportamento diferente também pode ser visto por *Ponciá Vicêncio*, a exemplo da violência desferida pelo marido contra a protagonista. Veremos os desdobramentos dessa imersão na masculinidade hegemônica que, por vezes, levaria a uma adesão, focando em dois aspectos identificados nos romances relacionados à masculinidade negra: as práticas de violência contra mulheres (violência patriarcal) e a sexualidade compulsiva (hipersexualidade).

Como apontado por Santos (2018), identificamos nas obras de Evaristo uma problematização dessas práticas de violência, uma vez que não aparecem enquanto característica natural inerente aos indivíduos, mas sim na construção dessa identidade afetada pela masculinidade hegemônica. Por isso a possibilidade de mudança dos personagens ao longo da narrativa. Tudo isso é apresentado a partir do projeto estético de Evaristo, que recorre às vivências do corpo mulher-negra que repercutem uma coletividade.

2.2 VIOLÊNCIA E PATRIARCADO NOS ROMANCES

Utilizaremos aqui o conceito de bell hooks de violência patriarcal que consiste: “[...] na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva.” (Hooks, 2021, p. 116). Ao utilizar esse conceito pretende-se reforçar a relação com a dominação masculina e diferenciar-se da denominada *violência doméstica*, pois tende a amenizá-la, tratando enquanto uma violência de menor letalidade em comparação àquela que ocorre fora da vida privada, mesmo sabendo que a maior parte dos casos de violência física e assassinatos de mulheres acontece em seus próprios lares (Hooks, 2021).

Em *Canção*, Tina ou Juventina Maria Perpétua, uma das mulheres que fizeram parte da vida de Fio, relata aquilo que sabia sobre o sexo masculino:

Da mãe, sempre escutara que homem era o bicho mais perigoso, principalmente se fosse muito bonito. E completava a fala dizendo que eles não passavam de meninos grandes que viviam agarrados às saias das mulheres em busca de proteção ou de brinquedos. Brinquedos esse em que, se a mulher não cuidasse, não desconfiasse ela mesma, o corpo dela poderia se transformar em joguinho nas mãos deles. [...] Os julgamentos a respeito delas eram mais variáveis; apresentadas sempre como mais humanas, a não ser quando abandonavam os filhos. (Evaristo, 2022, p. 89-90)

Nesse excerto do romance, é reforçada a imagem socialmente construída a respeito dos homens, com destaque para sua imaturidade e aos desejos da carne, enquanto as mulheres são associadas a uma imagem de benevolentes, em razão do papel esperado da maternidade, uma função que as concede algum prestígio, por isso, quando esse imaginário de ser de fato mãe não se concretiza, a humanização atribuída à mulher se desfaz.

Os questionamentos sobre os papéis de gênero já aparecem logo nas primeiras páginas do romance *Ponciá Vicêncio*, ao contar a sua satisfação em ser mulher, ainda que não permaneça na vida adulta. Ponciá, ao avistar o arco-íris, resgata em sua memória a lembrança de quando menina do medo em passar por debaixo dele devido a crença de que ao fazer isso mudaria de sexo, pois: “Naquela época Ponciá Vicêncio

gostava de ser menina” (Evaristo, 2017, p. 13). Contudo, já adulta passa a apresentar certa resistência ao gênero imposto, ao perceber que os papéis idealizados por ela na infância para uma mulher não se concretizaram: “Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que, se virasse homem, que mal teria?” (Evaristo, 2017, p. 14). Notamos que a percepção da personagem na infância é influenciada pelo contexto em que crescia. A mãe, vista por ela como modelo, tinha um papel importante que a encorajava a seguir os mesmos passos:

O pai às vezes discordava de tudo. Do que iria fazer naqueles dias de estada em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão. [...] O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! (Evaristo, 2017, p. 24-25)

A partir Oyěwùmí (2020) podemos pensar que para homens e mulheres negras, em se tratando dos papéis de cada um dentro da organização familiar, pode haver dinâmicas não baseadas na concepção eurocêntrica, uma vez que vêm de contextos plurais, neste caso, composto por sujeitos ex-escravizados e seus descendentes. Nesses espaços, cultivou-se, mesmo durante a escravização, antigas organizações – com alterações ao longo do tempo – que podiam ou não ter passado por uma estruturação com base no gênero, mas que, de todo o modo, não se tratavam das mesmas. Exemplo disso é observado em comunidades de religiões de matrizes africanas e em outros espaços da cultura negra, como apresentamos anteriormente de acordo com Gonzalez (2020), onde a mulher negra desempenha funções de destaque.

Quando Fanon afirma que: “Uma criança negra normal, tendo crescido em uma família normal, passará a ser anormal ao menor contato com o mundo branco.” (Fanon, 2020, p. 159), podemos pensar a partir disso as vivências experimentadas no campo e na cidade em que Luandi e Ponciá se deparam com contextos significativamente distintos. Como apontado anteriormente, a primeira diferença que destacamos é relação entre seus pais, em que Maria Vicêncio assume um papel importante na tomada de decisões em seu lar, era ela quem definia o que e quando deveria ser feito, distribuindo as obrigações de cada um. Naquele momento, Ponciá cresce observando

que, mesmo o pai e o irmão sendo homens fortes, quem mandava era a mãe, o que lhe desperta um desejo: “Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também.” (Evaristo, 2017, p. 25).

Além disso, esse modelo feminino forte, marcado por influência da mãe, se dá também pela ausência, não apenas do pai e do irmão, mas da figura masculina em geral. Aspecto esse destacado em *Canção* quando trata da infância de Tina:

Do pai, Tina nada conhecia, tivera poucos contatos com ele na infância. E, assim que foi ficando mocinha, a mãe a proibiu de falar com ele. Tina não se incomodou, o pai não lhe fazia falta, estava acostumada com a inexistência dele. Como não tivera a presença da figura paterna nem a proximidade de outros homens, como padrasto, avôs, tios ou qualquer parente masculino, Tina cresceu desconhecendo os homens. Sua mãe, tias, irmãs, primas e amigas compunham o seu mundo bipartido. As mulheres aqui, os homens lá longe, afastados. (Evaristo, 2022, p. 90)

Essas mulheres crescem com uma percepção diferente sobre gênero, seja por papéis fora dos padrões ou pela própria ausência de um modelo masculino. Ponciá, tendo como referência sua mãe, passa a desejar um homem que, da mesma forma como o pai, respeitaria suas decisões. Contudo, quando chega na idade adulta já com o seu companheiro, fora do contexto em que cresceu, a realidade mostra-se bastante diferente do imaginado. Isso em parte se deve a um processo que tem seu início ainda durante a escravização, gerando papéis de gênero ainda mais problemáticos. O discurso da emasculação dos homens negros decorre da ideia de que eles eram “[...] simbolicamente castrados porque as mulheres negras cumpriram, muitas vezes, o papel principal de provedora da casa [...]. Nem todas as famílias negras se preocupavam com o fato de as mulheres negras ganharem mais, desde que os homens negros controlassem esses ganhos.” (Hooks, 2022, p. 54). Não se tratando apenas das mulheres que trabalham ou não fora de casa, mas sim do controle dentro da esfera privada que é retido, muitas vezes, na mão de seus companheiros. Portanto, “[...] os homens negros que estão mais preocupados com castração e emasculação são aqueles que absorveram as definições patriarcais supremacistas brancas de masculinidade.” (Hooks, 2022, p. 55). No caso apresentado no romance, é possível entender a partir da relação de Maria Vicêncio com o marido, que a organização familiar é matrifocal, diferente do que vemos com Ponciá e o marido.

No caso de Ponciá, ainda que não cumprisse o papel de principal provedora, o marido via nela uma capacidade a qual não possuía, desejando ter a mesma força:

Ele gostava da tenacidade dela, de seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele. Era uma pessoa assim que ele precisava. Ele estava também a trabalhar, só que sozinho e não conseguia nem sonhar. Ela, entretanto, figurava ser a dona dos sonhos, parecia morar em outro lugar. Às vezes, era como se o espírito dela fugisse e ficasse só o corpo. Ele respeitava, tinha medo. Não indagava nada. (Evaristo, 2017, p. 57)

Nesse episódio, é relatada a admiração que o marido tinha por Ponciá, um momento que, eventualmente, passa despercebido, mas é importante para entendermos a humanização do personagem na narrativa, pois, ainda que não entendesse seus momentos de fuga, fechada nos próprios pensamentos, e, como veremos mais adiante, essa atitude oscila ao longo de toda a narrativa, ele a admirava. Quando Ponciá rememora o passado quando vê, já adulta, o arco-íris e, diferente daquele tempo em que era feliz em ser mulher, externa agora o desejo de voltar para enfim trocar de sexo. Ela tem seus pensamentos interrompidos quando o homem a golpeia na tentativa de não apenas trazê-la de volta à realidade, mas na busca por descontar todas suas frustrações e incompreensões:

Ele se lembrava, a cada esforço, do barraco em que moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. [...] Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele. (Evaristo, 2017, p. 19)

A relação de violência e trabalho estão muito mais próximas do que se imagina, uma vez que dentro do mercado de trabalho há uma impossibilidade de manter o controle por parte de quem o realiza, levando-os a sentir que a prática de violência possibilitaria conservar algum controle e domínio dentro da hierarquia sexista (Hooks, 2021). Os atos do marido de Ponciá, em certos momentos, muito se assemelham ao do pai de Fuizinha em *Becos da Memória*, em que no espaço privado o homem passa a exercer um domínio irrestrito, lugar onde encontra uma maneira de lidar com as opressões enfrentadas no espaço público, reafirmando seu domínio através da violência:

Fuinha desconta as frustrações cotidianas naquelas que possuem menos força [...]. Certamente, é dentro de seu barraco que esse homem torna-se grande, macho e viril e mostra para todos, mediante a escuta de gritos das mulheres, a potência de sua masculinidade. (Santos, 2018, p. 126).

Nas palavras de Heleieth Saffioti: “[...] a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina” (Saffioti, 1987, p. 29). Considerando as especificidades da masculinidade negra, a hierarquia baseada no gênero assume a forma de uma máscara no intuito de reprimir os impulsos que não seguem o padrão determinado. Esses papéis de gênero são naturalizados por meio de diferentes mecanismos, que vão desde leis, propagandas, educação no âmbito escolar e familiar, dentre outros.

Ainda que haja essa supremacia masculina aparente no discurso de Fio, as mulheres com quem se envolve não naturalizam a subordinação feminina. Neide Paranhos desejava um filho de Fio, nada mais, mesmo sendo ele o conquistador, é ela que demanda ser a única coisa que queria de um homem, um filho. Com Angelina, ao ser enganada por Fio, com quem acreditava que casaria, um sonho que tanto esperava realizar, acaba por tirar a própria vida. Contudo, a esposa, Pérola Maria, desempenha o “papel da mulher”, a boa mãe e esposa que suporta sem reclamar as relações de Fio com outras mulheres fora do casamento (Duarte; C, 2020): “Na sociedade patriarcal, em que o homem tem uma função, um papel e um poder que a mulher não tem, pouco resta a ela a não ser parir, e fazer de seus filhos a razão de sua existência.” (Duarte; C, 2020, p. 141). Fio apenas consegue ocupar esse lugar masculino de poder, cultivar o sentimento de superioridade diante da mulher, pois no outro lado em seu lar há uma mulher, no caso Pérola, que é assujeitada por ele.

Portanto, é o espaço privado que homens sem poder na vida pública encontram para exercer seu domínio e como reitera Segato (2021; 2018), o homem colonizado que parte da massa proletária sofre a pressão do capital em seus empregos precários e tem a chance de dentro desse espaço ocupar o posto de representante dessa mesma pressão colonizadora. Assim, ao tirar o espaço privado da responsabilidade do público, despolitizando-o, quem está mais suscetível aos acontecimentos nele – as

mulheres – não possuem voz política, logo, o cotidiano doméstico fica vulnerável ao poder desse representante.

Mesmo o sexismo se fazendo presente entre aqueles que enfrentam juntos outras opressões, como o racismo, Ponciá percebe que, entre os homens de seu convívio – o pai, o irmão, o marido –, as dificuldades não eram assim tão diferentes quanto as enfrentadas pelas mulheres. Logo, quando há a interseccionalidade das categorias de gênero, raça e classe, o lugar que ocupa o homem negro é controverso:

A percepção de que o homem deve ser, por exemplo, o principal provedor do sustento da família, o ocupante das posições mais valorizadas do mercado de trabalho, o atleta sexual, o iniciador das relações amorosas ou agressivo não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável. Essas mesmas imagens cruzadas como racismo reconfiguram totalmente a forma como homens negros vivenciam gênero. Assim o negro desempregado ou ganhando um salário minguado é visto como o preguiçoso, o fracassado, o incapaz. O atleta sexual é percebido como um estuprador em potencial, o agressivo torna-se o alvo preferido da brutalidade policial. Só que estes aspectos raramente são associados aos efeitos combinados de sexismo e racismo sobre os homens que reforçam o primeiro na ilusão de poder compensar os efeitos devastadores do segundo (Bairros, 1995, p. 461).

Contudo, no que se refere aos pontos de divergência, os quais são significativos por diversas razões, as mulheres negras seguem sendo as mais atingidas por esse sistema:

Ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca. Mas de manhã, quando acordava e guardava a marmita, enquanto bebia o gole ralo de café [...], ele era calmo, quase doce. Ele sentia saudade da outra Ponciá Vicêncio, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. (Evaristo, p. 46-47).

A violência desferida contra as mulheres pode ser lida a partir do seguinte entendimento de Fanon (2020), que recorre ao conceito de *catarse coletiva*: "Em qualquer sociedade, em qualquer coletividade, existe, deve existir, um canal, uma porta de saída, por onde as energias acumuladas sob a forma de agressividade possam ser liberadas." (Fanon, 2020, p. 161), portanto, sempre haverá a necessidade de encontrar maneiras de lidar com essa energia. Hooks apresenta como a violência

cometida por homens contra mulheres alcançou um grande destaque na mídia estadunidense em casos como de O. J. Simpson²³. Mesmo assim, não eram questionadas as razões por trás desses acontecimentos:

O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência. Como uma multidão de homens desempregados e da classe trabalhadora dentro do patriarcado de supremacia branca não sente que tem poder no trabalho, eles são incentivados a sentir que o único lugar onde terão total autoridade e respeito é em casa. Homens são socializados por grupos de homens de classe dominante a aceitar a dominação no mundo público do trabalho e acreditar que o mundo privado da casa e dos relacionamentos íntimos vai restaurar neles o senso de poder, que eles equiparam à masculinidade. (Hooks, 2021, p. 120-121)

A postura sexista do homem negro é entendida aqui enquanto forma de suprir os efeitos do racismo e da classe social ocupada, gerando sua incapacidade de cumprir seu papel de homem criado pela masculinidade patriarcal. Uma outra característica bastante presente nos personagens masculinos, já esperada dentro daquilo que se determinou como pertencente à sua “natureza”, está na capacidade de esconder as emoções. Constância Duarte afirma, portanto, que:

[...] permanece preso ao estigma de ser macho, de não revelar fraquezas e negar qualquer frustração, pois desde cedo aprendera a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento menos másculo. Os benefícios do patriarcado via de regra têm um custo, e um dia ele terá que pagar. (Duarte; C, 2020, p. 138)

Quando tratam de Vô Vicêncio, assim como todos os demais homens da família e mesmo Fio Jasmim, é destacada essa característica, habilidade adquirida ao longo dos anos, sendo para a tristeza ou a felicidade: “[...] foi crescendo e aprendendo a disfarçar o que lá de dentro vinha” (Evaristo, 2017, p. 28).

²³ O caso de O. J. Simpson, jogador de futebol americano – e essa posição é importante para pensarmos seu lugar de certo privilégio para um homem negro –, é bastante emblemático no sentido de não ter havido uma preocupação com os casos de agressão quando os corpos atingidos eram de mulheres negras, a qual se presente desde o primeiro caso, teriam sido evitados uma série de outros de sua autoria. Porém, houve uma enorme preocupação em se tratando das acusações de violência contra a esposa branca, Nicole Simpson, e mesmo assim, apenas quando foi acusado de tê-la assassinado, crime cujo julgamento teve uma enorme cobertura da mídia (hooks, 2021).

O domínio masculino é expresso de outras maneiras, como no episódio da tentativa de suicídio de Vô Vicêncio, que resulta também no assassinato da esposa, uma tentativa de tirar a própria vida em um momento de desespero: “O pai de Luandi guardou a imagem da cena de sua mãe ensanguentada, morta. E guardou toda a vida um ódio em relação ao pai, mesmo reconhecendo que ele enlouquecera.” (Evaristo, 2017, p. 63). Ainda que não tipifique um crime de feminicídio²⁴, a decisão de encerrar a vida vem do avô, e em nenhum momento sabemos as intenções de sua esposa, mesmo sendo um contexto cruel de exploração dos sujeitos escravizados, em que o suicídio pode ser lido enquanto ato de insubmissão. A questão levantada aqui é que, ao falhar em cumprir o seu papel colocado pela masculinidade patriarcal, o de prover e proteger sua família mesmo no contexto de escravização, Vô Vicêncio estabelece, ainda que como medida de desespero, o momento em que se encerraria a vida de todos ali. Ao fazer essa escolha sozinho, ele toma para si a responsabilidade de decidir quando devem morrer, pressupondo essa superioridade masculina que é de fato esperada²⁵.

Segato (2021) traz um conceito denominado *pedagogia da crueldade*, que se refere ao papel assumido pelo homem colonizado ao se transformar em um representante da opressão colonizadora em seu lar, com isso ele torna-se um colonizador portas adentro, esse mesmo homem da classe trabalhadora que é diariamente explorado. Há uma tentativa dentro dessa perspectiva de trazer a morte de maneira desritualizada, apontando como exemplos atuais simbólicos dessa pedagogia da crueldade o tráfico e a exploração sexual (Segato, 2021). A partir disso, podemos observar a morte de Biliza, assassinada por Negro Climério por não aceitar a saída da jovem da zona de exploração sexual para ficar com Luandi, como parte desse processo de “desritualização”, evidente na declaração do delegado ao Luandi:

[...] falou do susto que o fato lhe causara. Nunca, em tantos anos de trabalho, ele havia cuidado de um crime tão brutal como aquele. E pediu ao rapaz que reagisse e que aprendesse que nem toda mulher trazia alegria. Que Luandi fosse à zona sim, afinal era homem e ainda por cima solteiro, mas que fizesse igual ao Soldado Nestor. Fosse lá,

²⁴ “[...] a definição dada pela Lei Nº 13.104/2015 considera o feminicídio um tipo específico de homicídio doloso, cuja motivação está relacionada aos contextos de violência doméstica ou ao desprezo pelo sexo feminino” (Atlas da violência, 2021, p. 41).

²⁵ Pois “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2016, p. 123).

derramasse o que não se podia guardar e voltasse são e liso. Nada de gostar de mulher-dama. Ele dera até sorte, pois Negro Climério poderia ter feito o mesmo com ele também. (Evaristo, 2017, p. 102)

A situação de Biliza na zona de exploração sexual simboliza essa “reificação da vida” (Segato, 2018), a exploração enfrentada por ela e posteriormente seu assassinato, mostra seu valor dentro dessa lógica, novamente assumindo o lugar dos corpos-humos. A preocupação do delegado se resume ao que toca Luandi, Biliza, por se tratar de uma mulher-dama, não merecia sua indignação, pois, assim como as outras mulheres na mesma ocupação, estavam lá para isso mesmo e se algo lhes acontecesse faria parte do “normal”. Pelo fato de os homens serem socializados e formados por essa masculinidade atrelada à crueldade, ao confronto e à não compreensão, as mulheres passam a ser vistas como objetos, acessíveis e descartáveis (Segato, 2018).

Por isso o entendimento de que a violência patriarcal é a reafirmação do poder masculino relacionado à impunidade, todavia não apenas por saberem que não serão punidos, mas, já sabendo disso, reforça-se a ideia de intocabilidade do homem (Segato, 2018). O assassinato de Biliza configura um crime de feminicídio o qual, no entendimento de Segato (2021), enquanto uma mudança nas práticas de violência de gênero, é uma evolução assim como as práticas de guerra: trata-se de novas formas de atacar os corpos das mulheres.

Considerando os excertos até aqui analisados, um ponto a ser considerado, partindo de hooks, é de que: “[...] homens não são as únicas pessoas que aceitam, perdoam e perpetuam a violência, que criam essa cultura de violência. Insisto que mulheres devem assumir a responsabilidade do papel delas na aceitação da violência”. (Hooks, 2021, p. 121). As mulheres possuem um papel importante nessa questão, e um lugar fundamental para iniciar a mudança é através da maternidade, sem idealização da função, mas consistindo em um lugar para desencadear a mudança contra a pedagogia da crueldade. Em *Canção*, Dolores, uma das mulheres que cruzam o caminho de Fio e com quem ele teve filhas, considera a partir de suas vivências a figura paterna e materna ao estar com as filhas:

A mãe caminhou até o quarto das duas, elas dormiam na mesma posição do pai, sem nunca ter contemplado o sono ou o rosto dele. Que pai inventar para as filhas? Que mãe ser para as filhas? Ela não era invenção, era concreta, era palpável na vida das meninas. Como ser então? Como ser então? O pai nunca seria, como nunca foi o pai dela, vítima da brutalidade do avô Belizário. E o pai das meninas? Não era por quê? As meninas não terem pai, a culpa era dela por essa falta, essa ausência na vida de suas filhas. (Evaristo, 2022, p. 75)

Dolores pensa na ausência da figura paterna e sua importância, sem deixar de considerar aquilo que não queria, a exemplo da brutalidade do avô, exemplificando a relação complexa tida com os homens, repleto de encontros e contradições. Mas um pensamento importante ao considerar a escriturização de Evaristo é pensar que mulheres negras não devem agir como algozes dos homens negros, pois a sociedade já desempenha esse papel, afirmação feita pela autora em entrevista concedida ao *Mano a mano* (2023). Mesmo havendo uma distinção significativa entre as opressões enfrentadas por ambos os sujeitos negros, faz-se necessário um cuidado ao tratar dessas diferenças. Vale lembrar que são os homens as primeiras vítimas da lógica patriarcal, impondo suas organizações hierárquicas que se iniciam desde o ambiente familiar, preparação para o instante em que começam a integrar a sociedade (Segato, 2018).

2.3 A SEXUALIDADE MASCULINA

Com a colonização, a sexualidade também é ressignificada dentro de um âmbito moral, visão que parte da mesma responsável por instituir a ideia de pecado:

A exterioridade colonial-moderna – que inclui a exterioridade da racionalidade científica, a exterioridade gerencial e a exterioridade que busca expurgar o outro racializado, como discutiram Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo – tem o caráter pornográfico no olhar colonial. (Segato, 2021, sem página).

Dessa forma, o diferente passa a ser enquadrado dentro daquilo que o colonizador conhece, quando mulheres apresentaram comportamentos entendidos por eles enquanto masculinos, seriam elas definidas como masculinizadas, já os homens que apresentavam características ditas femininas seriam sujeitos feminilizados, ainda que nenhum deles seja considerado de fato homem ou mulher. É nesse contexto que homens negros e mulheres negras estão ambos presos a representações estereotipadas que os colocam enquanto figuras objetificadas ou que objetificam sexualmente o outro (Conrado, M. Ribeiro, 2017). A hipersexualização passa a ser em um primeiro momento um estereótipo atrelado ao homem negro, mas depois de internalizado, passam a acreditar que faz parte do “ser homem”, o que assume uma imagem de controle, como observa Collins (2019), pois pré-estabelece aquilo que ele deve ser. Assim como ao vermos sobre a relação do homem negro com a violência, partimos agora para tratar de sua sexualidade, marcada também na literatura por representações caricatas.

Fanon descreve no contexto antilhano como perdura a concepção colonial de que “[...] o negro tem uma potência sexual alucinante” (Fanon, 2020, p. 172), de sua suposta obsessão com o órgão sexual, e a necessidade de ter essa potência alucinante para simbolizar uma superioridade fruto do desejo branco, ou que lhe foi determinado assim. Embora o autor lembre que essa superioridade não é real e todos sabem disso, a questão é que foi assim determinado na compreensão daqueles que o pressupõem (Fanon, 2020).

Mesmo assim, alguns aderem ao imaginário do negro como sujeito insaciável, representante da força e da potência sexual, como vemos em Fio Jasmim com suas mulheres, o qual havia aprendido que bastava direcionar as ardências da consciência, por causar sofrimento às mulheres, para as ardências da carne:

Fio Jasmim, com os seus vinte anos, em vésperas de casamento com Pérola Maria, já tinha conhecido várias mulheres. Ele gostava da liberdade daquelas que se diziam e que se portavam como livres. Como o pai, Máximo Jasmim, ele repetia que o homem, o macho, nada tinha a perder. Os maquinistas, homens mais velhos, tendo idade inclusive para serem pais do moço, parabenizavam o gosto do rapaz por mulheres. Diziam que o jovem ajudante de maquinista trazia em si algo rijo, inquebrável como os ferros do trem de ferro. E gargalhavam até se contorcerem com as piadinhas insossas que criavam, cuja base provocadora do riso era sempre o duro ferro dos homens a açoitar as mulheres. (Evaristo, 2022, p. 20)

Fio, longe de ser um herói, é um personagem o qual nos defronta com as controvérsias do mundo masculino e que cresce aprendendo o entendimento e práticas sexistas. Por meio de seus modelos, o pai e outros mais velhos, incorpora o valor de sua virilidade, servindo ao mecanismo de dominação baseada no gênero, internalizada por meio de reafirmação constante de princípios e atitudes (Duarte; C, 2020). Ele segue assim em busca de outras mulheres: “[...] em sua necessidade de desejar e ser desejado, como se a posse do feminino fosse imprescindível para alimentar seu narcisismo” (Duarte; C, 2020, p. 142). É na busca por seguir os passos dos homens que o rodeiam que Jasmim vê o mandato da masculinidade, que diferente da feminilidade, tratando-se de uma posição hierárquica valorizada, passando por provações que, assim como um título, pode ser mantido ou não (Segato, 2018). Com isso, quando Fio sofre um acidente, a preocupação de proteger está naquilo que lhe faz homem:

Ainda bem que as coisas mais importantes do corpo dos homens e das mulheres ficavam entre as pernas. Já pensou se Fio Jasmim tivesse com o tombo amassado os ovos e não machucado a cabeça? Como haveria de ser? As mulheres não iam querer mais nada com ele? Homem desmiolado continua sendo um homem. Agora, um homem com os ovos amassados não passaria de um galo velho inútil para qualquer galinha, até as velhas. (Evaristo, 2022, p. 78)

Nesse excerto, fica visível a redução do sujeito ao órgão sexual, a parte passa a valer pelo todo, Fio apenas poderia ocupar a posição de privilégio – com suas ressalvas ao privilégio de fato obtidos por homens negros – enquanto pudesse performar o ato sexual. E esse desejo sexual não deve partir de outro lugar senão do homem. Collins (2009) entende que:

Como a Jezebel ou hoochie é construída como uma mulher cujo apetite sexual é, na melhor das hipóteses, inadequado e, na pior, insaciável, basta um pequeno passo para que ela seja imaginada como uma “aberração”. E, como uma aberração, seus parceiros sexuais também passam a ser estigmatizados. Por exemplo, a hipermasculinidade frequentemente atribuída aos homens negros reflete certas crenças acerca do apetite sexual excessivo deles. Ironicamente, o apetite sexual excessivo de Jezebel a masculiniza, porque ela busca sexo da mesma forma que um homem. (Collins, 2019, p. 157)

Quando Fio conhece Aurora, moça que assim como ele é entendida como desprovida de juízo: “Ela sentiu um leve vazio, um ligeiro afundamento no crânio de Fio Jasmim. [...] Descobriram-se. Tinham a moleira aberta [...]” (Evaristo, 2022, p. 47). Percebe-se que, enquanto é esperado de Aurora uma mudança em suas ações, sendo castigada por não se enquadrar dentro daquilo que seria esperado de um comportamento feminino, ao tomar banho nua nas águas do Rio Naipã, uma prática tão singela de liberdade. Contudo, dos homens que seguem a jovem para vê-la banhar-se não se espera contenção, alguns até se envergonhavam de suas próprias ações, já outros: “[...] como audaciosos machos, achavam que não precisariam e nem conseguiriam se educar. Eles eram homens, homens!” (Evaristo, 2022, p. 43). A transgressão masculina é muito mais aceita, ou pelo menos não acreditam ser possível ou necessária a correção, é preciso que as mulheres se adaptem a esse contexto.

Entendemos que, para os homens retratados na obra, não existiria restrições, ou ao menos não muitas, aspecto que se confirma com a gravidez de Neide, mais uma das mulheres de Fio. em que mesmo com o pai entendendo e reforçando práticas masculinas controversas, aprendidas por sua vez com o seu pai, corroborando para o entendimento de que se tratam de práticas comuns, de modo que quando atinge o seu seio familiar tem uma reação diferente, mas já esperada:

O pai dela, cabisbaixo e envergonhado da natureza masculina, que era a dele, recordou de sua juventude sempre arriscada junto às mulheres, e dos severos conselhos de seu pai. Aos homens honrados, tudo é permitido, menos engravidar uma moça de família e, se tal vergonha acontecesse, a solução seria o casamento para reparar o erro. Ele havia folgado com várias mulheres, nem cuidado tomava, pois todas já estavam na vida. E quando sentiu que era a hora, aos vinte e três anos, se casou com Floripes, a escolhida para ser a mãe de seus filhos. Havia feito tudo direitinho, e da mesma forma educava os seus dois filhos homens. (Evaristo, 2022, p. 28)

Do ponto de vista do pai, a única restrição era com as mulheres consideradas “honradas” para casar-se, e os filhos resultantes das relações com aquelas que estavam “na vida” já não seriam seus. Além disso, a forma com que trata essa liberdade quase irrestrita acaba por se transformar em uma norma, a ponto de entender a relação sexual enquanto uma prática obrigatória. Exemplo disso observamos quando Fio, após perder a hora com Aurora, o que provoca o atraso da linha férrea, em vista de não repetir o erro, decide na próxima cidade não se relacionar com nenhuma mulher. Tal decisão resulta nos comentários dos maquinistas: “Que tipo de homem ele era? Já estava negando fogo? Tão jovem assim...” (Evaristo, 2022, p. 56). Nesse excerto, assim como no que veremos a seguir, fica evidente essa necessidade de confirmação da masculinidade diante dos pares, como mencionado por Segato (2021):

Descer era sempre encontrar algum corpo de mulher para experimentar o sabor da cidade, assim diziam os maquinistas mais velhos. [...] Corpo-mulher, corpo-cidade, se tudo era uma coisa só, segundo os mais velhos, ele sairia de Remanso Velho em estado de total ignorância. (Evaristo, 2022, p. 52)

Para os maquinistas, homens mais velhos e experientes, há uma necessidade de, ao passar por um novo lugar, relacionar-se com uma mulher local, resumida ao corpo, objetificada, que expressaria aquilo que a nova cidade teria de melhor a oferecer para um homem. Essa norma passa a ser internalizada a ponto de a narradora considerar que talvez Fio já estivesse tão acostumado em conseguir mulheres, que fazia de maneira involuntária. Logo, passa a perceber um sentimento de incompletude quando Dalva busca entender o rapaz:

Ela não precisava em nada do homem que estava ali com ela. Aliás precisava sim, de afetos. Mas seu príncipe negro parecia tão sozinho,

tão desamparado, tão escorregadio em sentimentos para além de uma virilidade física que, uma vez satisfeita, aponta para o nada. (Evaristo, 2022, p. 86)

A prática compulsiva de sexo, mencionada anteriormente, apresenta esta contradição: ainda que revele uma forma de poder, ao mesmo tempo expõe uma fraqueza. E mesmo construída a imagem do homem negro que rouba as mulheres, levando uma suposta vida de prazeres, isso acaba apenas por revelar aquilo que na verdade não consegue alcançar, a satisfação plena (Hooks, 2022).

É apenas no encontro com Eleonora Distinta de Sá que Fio irá ampliar sua visão sobre como se encontra, passando a entender suas próprias dores e a se importar pelas dos outros também. Eleonora se diferencia das outras mulheres que ele conheceu, pois essa não se interessaria por ele, uma vez que também gostava de mulheres, construindo uma amizade:

Com Eleonora compreende que, para preencher o vazio que trazia de nascença no peito era preciso ter mais: 'Eram precisos encontros' – de alma, eu completo, não só de corpos. E Fio se dá conta das benesses do patriarcado, a razão de ser da luta das mulheres. Ao enfrentar uma crise de identidade, o rei-homem finalmente se vê nu; precisa refletir para recuperar a capacidade de ver e de se sentir em relação ao próximo. Enfim, aprender a associar ação com emoção. Até porque, a sociedade patriarcal submete não só as mulheres, mas também os homens. (Duarte; C, 2020, p. 146)

Com isso, Fio Jasmim deixa de ser menino e torna-se finalmente homem, percebe que até então não teve consideração nem com ele e nem com as mulheres que conheceu. Agora, já diferente do pai, não sofre como ele por não ter mais a mesma virilidade de quando jovem, porém sim por não ter feito melhor uso dela, e é nesse ponto que o personagem se humaniza. (Duarte; C, 2020, p. 147)

A masculinidade tóxica, fardo do qual Fio Jasmim tentou se livrar, também é resultado da imagem de controle apresentada por Collins (2019), o controle dos corpos (de homens e principalmente mulheres), aquilo que deveriam ser e fazer. Nas narrativas de Evaristo, não somente nas obras aqui analisadas, as mulheres resistem a essa opressão.

Em *Ponciá Vicêncio*, a protagonista inicia a infância distante dessa imagem de controle. Mesmo oscilando ao longo de sua trajetória, vendo o exemplo na mãe fora do padrão, na vida adulta já enfrenta esse lugar de esposa submissa, mas que, como vimos, resiste a ele. Enquanto em *Canção*, Fio tem apenas a ilusão de controle, pois são as mulheres com quem se relaciona que decidem por si próprias suas vontades. Com exceção de Pérola, a esposa, que cumpre o papel destinado à mulher, logo, submissa aos desejos do marido.

É importante pontuar que homens negros seguem enfrentando uma série de violências – urbana, policial, carcerária, sexual, racial –, o que não pode ser minimizado e deve ser considerado em se tratando de analisar as reproduções de outras violências através da internalização de características estereotipadas tidas como constituintes do sujeito negro, as *imagens de controle* (Collins, 2019). Estereótipos que foram produzidos e reproduzidos pela colonialidade, esse mesmo sistema que tenta convencê-los de serem os únicos responsáveis pelos problemas que os envolvem.

3. DE PONCIÁ VICÊNCIO A CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE

Os romances analisados nesta pesquisa, *Canção para ninar menino grande* e *Ponciá Vicêncio*, permitiram um bom panorama da escrita de Evaristo, sendo possível observar diálogos entre eles, comentados ao longo dos capítulos anteriores, assim como entre outros textos. Acompanhar da primeira publicação solo até o penúltimo livro e último romance permitiu percebermos avanços na consolidação de seu projeto estético adotado, a escrivência, como abordaremos mais adiante.

Como mencionado anteriormente, foi possível notar alguns intertextos entre os romances. O primeiro deles se refere às diferentes formas de tratar o sobrenome dado aos sujeitos escravizados, o qual, mesmo após o fim da escravização, foi mantido. Inicialmente essa manutenção do sobrenome aponta, para todos eles, tanto para a família de Ponciá quanto para a de Neide, uma impossibilidade de recuperar seus nomes africanos perdidos na chegada de seus antepassados no Brasil. Contudo, os contextos se diferem quando para os Vicêncios o nome não os pertencia, nem os incluía, por se tratar do sobrenome do coronel e sua família, perceptível no episódio em que Ponciá repete o nome nas águas sem resposta:

Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. [...] Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. (Evaristo, 2017, p. 18)

Um incômodo é gerado na personagem, pois pensar sobre o nome que não se identifica é tocar em questões difíceis, não apenas para ela, mas para todos que tiveram seus nomes impostos. Enquanto em *Canção* nos deparamos com uma resposta diferente, para a família de Neide, assumir o sobrenome “Paranhos” é reivindicar as riquezas construídas às custas do trabalho de sujeitos escravizados, não por aqueles que se autodeclararam seus donos. Uma visão que, de certa forma, apresenta um olhar mais engajado.

Notamos também uma referência ao barro em *Canção*, elemento que aparece em vários momentos na narrativa de Ponciá Vicêncio, elencando mais de um sentido. Após o erro de Fio ao perder a hora e atrasar a partida do trem, é lembrado de que todos os homens ao seu redor eram homens de trabalho, “Homens de ferro, de barro não, pois barro quebra...” (Evaristo, 2022, p. 48). Em se tratando da caracterização entendida pelo ferro, a dureza necessária para aguentar o trabalho, a impossibilidade de cometer um erro humano, sejam quais forem as circunstâncias. Em outro momento, a metáfora do ferro é reforçada, porém referindo-se ao falo, quando os maquinistas mais velhos parabenizam o jovem Fio por seu gosto por mulheres, mesmo às vésperas de se casar. O órgão é descrito como: “[...] rijo, inquebrável como os ferros do trem de ferro”. (Evaristo, 2022, p. 20)

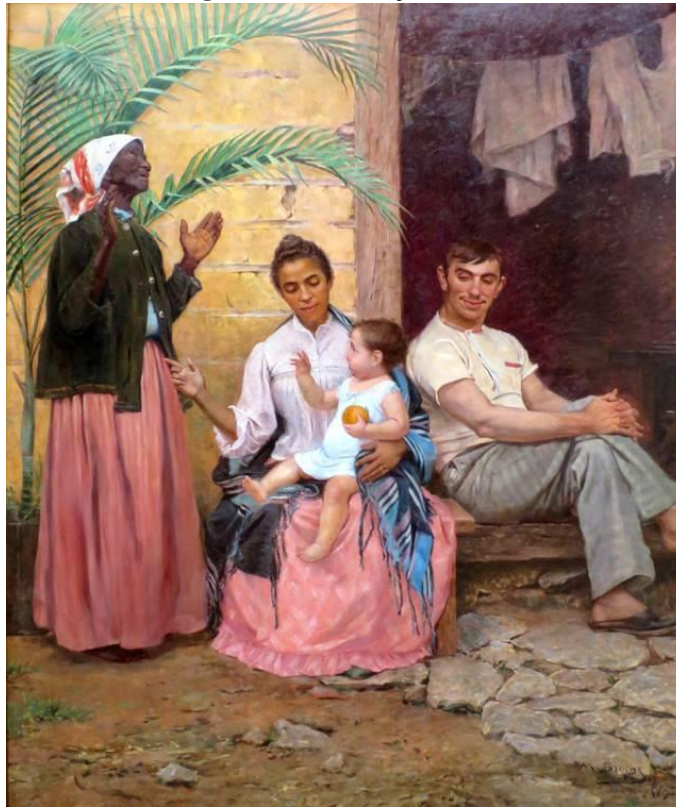
Já o barro é considerado um material pelo qual é possível criar algo novo, em África é interpretado como elemento “fonte de vida” (Marcelino, 2016, p. 25)²⁶. Esse poder de criar se manifesta na produção de Ponciá, o homem de barro, representação de vô Vicêncio: “A boca ensaiava sorrisos, mas, no rosto, a expressão era de dor. Teve a sensação de que o homem-barro fosse rir e chorar como era feito de seu pai” (Evaristo, 2017, p. 21). Nessa peça é evocada a ideia da possibilidade de quebrar, vô Vicêncio toma forma nessa figura de “homem de barro”, para o qual Maria Vicêncio expressa o desejo de “espatifá-lo”, por tudo aquilo que o objeto evoca, como comentado anteriormente, nele percebemos o sentido de por que os de barro partem, entre eles na percepção do papel masculino, no qual o avô de Ponciá falha, e é nesse sentido a referência colocada a Jasmim. Considerando isso, podemos pensar que, diferente do ferro – aludindo aos trilhos do trem, presentes no dia a dia do jovem maquinista –, que é duro, inquebrável e não maleável, o barro possibilitaria a criação e com a sua matéria maleável permitiria pensar novos papéis, para além da figura masculina em que o trabalho assume o lugar central de sua vida e a redução do homem ao seu órgão sexual, aquilo que o definiria como homem. Ainda que o barro possa também representar a chance de quebrar ao tentar romper com aquilo que lhe foi imposto, a exemplo de Vô Vicêncio.

²⁶ Não apenas em África, mas também na tradição religiosa judaico-cristã: “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Gênesis, 2,7). Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/vc/gn/2>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

É possível observar um diálogo com outra obra literária, o caso de *Niketche: uma história de poligamia* (2021), publicado em 2002, de Paulina Chiziane. Assim como Rami sai em busca das amantes do marido, Tony, e tem sua vida inteiramente modificada a partir desses encontros, Juventina assume uma função semelhante ao decidir conhecer as mulheres e descobrir mais sobre o amor. Embora partam de objetivos um tanto distintos, ambas têm como ponto de virada seus relacionamentos com seus homens. Nas narrativas, apesar dos homens, Fio e Tony, serem o elo que conecta essas mulheres, passamos a conhecer as personagens femininas e considerá-las centrais. Fio aproxima-se muito desse caráter polígamo visto em Tony, ao se relacionar com várias mulheres e com algumas manter relações duradouras, mesmo que sejam em encontros espaçados, de acordo com o retorno do trem a cada cidade ou na busca dessas mulheres por ele. Nos dois romances, presenciamos também essa coletividade feminina, não permitindo se sentirem sozinhas, pois encontram apoio entre mulheres, desconstruindo esse ódio que o patriarcado induziu entre elas.

Outro intertexto possível é evidenciado quando, a partir da relação com Dalva Ruiva, aos seus olhos, Fio enfim torna-se o príncipe negro, papel negado na infância, o que tudo indica se tratar de um episódio traumático para o personagem. Dalva expressa o desejo de ter filhos com ele: “[...] queria que seus filhos perdessem a alvura que a pele dela continha, e se enegressem com a melanina do pai.” (Evaristo, 2022, p. 86). Nesse desejo de enegrecer a pele de seus descendentes, é possível estabelecer uma relação antagônica com a pintura de Modesto Brocos, *A Redenção de Cam* (1895).

Imagem 1: A Redenção de Cam



Fonte: Roncolato (2018)

Na pintura, vemos uma senhora negra, uma jovem menos retinta, que indica ser sua filha, e em seu colo um bebê de pele branca, ao lado de um homem branco a olhar a criança. A imagem representa a proposta de embranquecimento da população brasileira por meio da miscigenação das raças. No caso da passagem do romance, é apresentado um movimento contrário ao da pintura, em que é criada uma exaltação por parte da própria mulher, a senhora negra com os braços para o alto, com a possibilidade desse embranquecimento dos seus descendentes. Dalva, mulher branca, exalta a marca do negro, sua cor, não se tratando de um olhar que exotiza o outro, mas do reconhecimento da beleza também nesse traço.

Seguindo nessa linha, a capa do livro *Canção* indica elementos interessantes, sobre os quais comentaremos alguns deles que estão diretamente relacionados às questões discutidas na pesquisa.

Imagem 2: *Desdobramentos sobre sankofa*



Fonte: Obá (2021)

A imagem é um quadro de Antônio Obá, nele vemos um homem negro com uma flor de jasmim em uma das mãos, indicando se tratar do próprio Fio Jasmim, a contemplar sua própria imagem. Atrás dele um espelho reflete sua nuca, o restante do quadro que aparece na contracapa do livro traz pássaros, e o que se sugere pelo título da obra tratar-se da representação do ideograma africano *sankofa*²⁷.

Imagem 3: *Sankofa*

²⁷Ideograma Adinkra, Sankofa é representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Nesse sentido, simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva, representando a sensatez de quem assimila o passado com o objetivo de criar o agora e o que está por vir (Nascimento, 2008). Ver também: <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/about>>. Acesso em: 10 jan. 2024.



Fonte: Nascimento (2008)

Em ambas as imagens, a do rapaz e aquela observada por ele, os rostos não possuem definição, as feições não estão claras. A sua própria imagem na parede, que como um espelho admira o próprio reflexo, poderia ser lida como vaidade, mas, partindo de Nascimento (2014), ao tecer sobre o espelho de Oxum, a orixá das águas doces e seu espelho, abebé: “Diferentemente dessa leitura tradicional, na qual o espelho é associado à vaidade e beleza física, proponho a compreensão desse espelho como fonte de autoconhecimento e reconhecimento, onde uma se mira para mais se compreender.” (Nascimento, 2014, p. 94). Da mesma forma, as feições indefinidas podem reforçar a ideia desse processo de autoconhecimento de Fio, como de fato observamos ao longo da narrativa, assim como o pássaro simbolizando esse encontro entre tempos passado, presente e futuro, que não são separados, refere-se a espiralidade do tempo. Segundo Leda Maria Martins, em entrevista concedida, afirma:

O passado é o acúmulo de presente, passado e futuro, o passado está no presente e está no futuro, assim como o futuro habita o passado. [...] A ancestralidade não é simplesmente pensar que o tempo acontece em ciclos. Não estamos falando de ciclos, mas de uma simultaneidade da presença (Kalil; Martins, 2022, p. 29).

Os intertextos aqui comentados justificam a escolha das duas obras por apresentarem diálogos significativos, bem como caminham para um olhar não apenas mais engajado, mas uma construção que reforça uma autodefinição positiva do negro, uma vez que não é esperada desses sujeitos uma autoestima elevada tendo em vista a

norma mítica mencionada por Lorde (2019), característica que aparenta acentuar-se na trajetória escrita de Evaristo.

3.1. EXPLICITANDO O PROJETO DA ESCRIVIVÊNCIA

Nos romances analisados nesta pesquisa, é possível observar transformações no que se refere ao projeto estético de Evaristo ao problematizar questões que, apesar de já estarem presentes nos textos de sua autoria, visto em *Ponciá Vicêncio*, aparecem de novas formas em *Canção para ninar menino grande*, problematizando a separação entre ficção e realidade, desde tomar para si o lugar de narradora, como também discutir questões sobre masculinidade negra através de um protagonista homem, Fio Jasmim. Retomando a proposta da escrevivência mencionada anteriormente, Evaristo, em *Gênero e etnia* (2005), afirma:

Assenhoreando-se 'da pena', objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205)

Embora o ato de ocupar a posição de quem escreve, assenhorar-se da pena, para assim autorrepresentar-se, sejam movimentos fundamentais para uma escrita literária em busca de retratar temáticas relacionadas ao negro, não se trata de um movimento simples, pois essa construção do vivido precisa transpor a barreira do real para alcançar o que entendemos enquanto literário. De acordo com Duarte:

Na construção de uma 'escrevivência' estaria, a meu ver, o maior desafio dessa escritora. Com a escrita profundamente comprometida com a vida, e alimentada de experiências vividas ou observadas, ou seja, de biografemas, a voz narrativa precisa transcender o biográfico, articulando-o habilmente com o ficcional, de modo a transformar tal procedimento em construção literária. (Duarte C; 2020, p. 137)

Antes de iniciar o texto em *Ponciá Vicêncio*, a autora introduz em um prefácio, intitulado *Falando de Ponciá Vicêncio*, sobre questões referentes a sua escrita, a sua intimidade com as produções, envolvimento tamanho ao ponto de considerar seus personagens ficcionais enquanto criações com quem compartilha um parentesco, ponderando que não se trata de sua história, mas sim de Ponciá, mesmo assim, há encontros simbólicos em consequência de seu projeto estético:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. [...] Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordado carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu. (Evaristo, 2017, n.p.)

A passagem compartilha algumas impressões da escritora com essa produção que parte do vivido, assim como também expõe um pouco da recepção pelo seu leitor, a fusão a ponto de manter uma separação muito tênue entre o que seria de fato realidade e ficção em seu texto. Mesmo marcando a intimidade entre aquilo que se escreve e as influências biográficas, refere-se a um envolvimento menor do que quando consideramos esse mesmo aspecto em *Canção*. Em sua penúltima página, a narradora comenta sobre a escrita, expondo tratar-se da história não apenas de Tina, mas também das mulheres que direta ou indiretamente passaram por sua vida:

Vi e ouvi o corpo de Juventina Maria Perpétua se aprumar e entoar uma comovente ária. A ‘Canção para ninar menino grande’, um canto que tinha nascido da vivência amorosa dela, a única até então. Assisti o corpo quase desfalecido de Tina se recuperar na contação da vida. A crença me foi permitida porque era um ato de escutar e ver. Eu na escuta-via ou vendo-escutava, como queiram. A história de Juventina estava ali. Tinha o corpo. Havia a fala dela, o timbre, o tom. Havia a contação, cujo cerne era o corpo e seus gestos. era a vida. Por isso, acreditei e escrevi. Só escrevo o que creio, vem daí a minha invenção, pois a canção é minha também. (Evaristo, 2022, p. 133-134)

Na passagem acima, que encerra o romance *Canção*, a narradora-autora toma para si o lugar de quem nos conta a história, não por acaso Evaristo assina a página final do texto acompanhada da data de conclusão do livro em outubro de 2018 e de suas modificações na segunda edição em fevereiro de 2022. Diferente do que nos deparamos em *Ponciá*, em que o lugar de autora e narradora não se fundem da mesma forma apresentada aqui, como quem assume a autoria do registro sobre Fio “[...] e reafirma seu projeto narrativo de assumidamente misturar a ficção e a realidade” (Duarte; C, 2020, p. 147). Segundo Constância Duarte (2020), esse romance incita questionamentos no que se refere àquilo que pode ser entendido como verdade na ficção, ao apresentar na escrita seu lugar de testemunha dos acontecimentos,

construindo um personagem símbolo da masculinidade negra estereotípica, no intuito de abalar a criação machista e racista do que seria o homem negro, sem colocar as mulheres na posição de vítimas, apontando caminhos para que homens e mulheres possam se compreender como “[...] sujeitos inteiros, livres, capazes de amar e criar” (Duarte; C, 2020, p. 148). Ainda que em um primeiro momento possa parecer que a história irá girar em torno da figura masculina, eles são contados através das mulheres, com base nos saberes que têm origem num corpo feminino e negro, portanto sua perspectiva norteia a escrita.

A grande repercussão da literatura produzida pela autora talvez se relacione com a estratégia de construção literária, em aquilo que aparenta tratar-se de experiências individuais, uma escrita de si, na verdade abarca toda uma coletividade, através da memória, *a escrita de nós* (Evaristo, 2020). Entendemos que a narrativa de Evaristo coloca em questão as fronteiras entre ficção e realidade, contudo ela não perde de vista a articulação desses dois polos, para por fim tornar as vivências individuais e coletivas, criação tocada por um sujeito mulher negra, em construção literária.

3.2. CAMINHOS PARA SE REPENSAR A MASCULINIDADE NEGRA

[...] vamos ser sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. [...] porque o que está colocado em questão também é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico. (Gonzalez, 2020, p. 312)

A afirmação de González é central para pensar a questão da autorrepresentação enquanto forma de questionar estereótipos impostos aos sujeitos negros. Esse é o primeiro passo, entender-se enquanto indivíduo não pertencente à norma dominante, e a partir disso pensar uma identidade que irá romper com a lógica desses mesmos padrões responsáveis por defini-los como não humanos; uma identidade fluida, em constante reelaboração. Para isso é necessário que nos voltemos para o passado para aprendermos tanto com aquilo que deve ser desconstruído como com o que buscamos reconstruir, para tal fim procuramos por modelos. Lélia Gonzalez apontaria para um possível exemplo:

[...] Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido da criação de uma sociedade democrática e igualitária que, em termos políticos e socioeconômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança genial de Zumbi, ali existiu uma efetiva harmonia racial, já que sua população, constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios revertiam para todos, sem exceção. (Gonzalez, 2020, p. 51)

Evocar modelos como vistos em Palmares para pensar novas formas de sociedades, que, não por acaso, são construídas a partir de perspectivas cuja matrizes não partem do pensamento eurocentrado. Segato (2018) reforça isso ao relatar sua experiência com comunidades de religião de matrizes africanas, identificando diferenças de gênero muito significativas em relação às do mundo ocidental. Na comunidade afro-brasileira não haveria estes elementos que fazem parte do gênero – determinismo biológico, essencialismo da sexualidade e personalidade –, trata-se de uma categoria diversa e em transformação. Exemplo da fluidez dessa categoria está no fato de alguns orixás transitarem do feminino ao masculino, como por exemplo Otin e Oxumaré.

Uma das bases necessárias que tentamos apontar aqui é o antipatriarcalismo, por meio de uma abordagem interseccional, discutindo que a luta contra o patriarcado é uma luta que necessita também de posicionamento dos homens. Hooks (2022) identifica uma ausência de trabalhos numa perspectiva pensada para homens negros, no intuito de formar uma consciência crítica, levando a discussão sobre gênero, no que toca aos homens negros, a não levar o devido aprofundamento.

Ao serem tratadas as consequências do patriarcado e do machismo na comunidade negra: “[...] a principal ameaça genocida, a força que expõe ao perigo a vida de homens negros, é a masculinidade patriarcal” (Hooks, 2022, p. 35). Os homens negros irão buscar de toda forma encaixar-se dentro desse padrão de masculinidade branca, conforme Fanon:

A questão é saber se é possível para o negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que tanto o aproxima do comportamento fóbico. No negro existem uma exacerbação afetiva, uma raiva por se sentir pequeno e uma incapacidade para qualquer comunhão que o confinam em uma insularidade intolerável. (Fanon, 2020, p. 65)

O pensamento feminista contribuiu para resistir às imposições do patriarcado, a sororidade feminista, identificada no romance, segue como um caminho de enfrentamento apontado por Constância Duarte (2020), e, complementando sua colocação, acreditamos que a participação masculina é fundamental, assim como partir de um feminismo cuja abordagem seja interseccional, como no feminismo negro e decolonial. A orientação teórica seguida deve considerar as variantes que o seu contexto exige, no caso da análise feita das obras, consideramos essas especificidades para não correr o risco de desconsiderar, por exemplo, a questão racial presente.

Em se tratando de questões raciais, Gonzalez (2020) já havia afirmado que a reformulação da perspectiva que nada mais discutia além das contradições de classe vem com os exilados da ditadura que se consideravam brancos, mas enfrentaram o racismo nos países europeus. Por sua vez, Segato (2021) reforça que a crítica ao pensamento eurocêntrico intrínseco ao materialismo histórico se constrói a partir do contexto europeu, por europeus e para pensar questões de sua própria realidade,

portanto, a teoria marxista de classe não se adaptaria ao contexto latino-americano, em razão da questão racial não fazer parte da sua realidade, pois eles próprios se identificaram enquanto seres não racializados e a referência para o que viria ser os “outros”. Portanto, ainda que possamos estabelecer diálogos, haverá pontos que essa crítica não irá contemplar, tornando-se incompleta para a nossa realidade.

Ainda que as circunstâncias que possibilitaram o surgimento das imagens de controle terminem, as imagens tendem a permanecer, pois são vitais para a manutenção das opressões interseccionais. Um dos caminhos possíveis como enfrentamento ao patriarcado branco que define papéis de gênero problemáticos, ainda mais quando somados à questão racial, é pensar outros tipos de masculinidades que não envolvam práticas de violência e em diálogo com a pauta feminista, entendendo que ambos possuem interesses semelhantes, lutar contra o machismo e os papéis de gênero normativos. Entender, da mesma forma que Fio Jasmim ao crescer, que há a possibilidade de ir “[...] construindo seu reino próprio, experimentando modos de viver outras realidades” (Evaristo, 2022, p. 120). Portanto, a literatura produzida por mulheres, como vemos em Evaristo, age como maneira possível, definida por Segato (2018), de contra-pedagogia da crueldade, pois coloca-se contra a ordem da masculinidade, a incompreensão e a insensibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de Constância Duarte (2020), vemos que a produção de Evaristo corrobora para uma consolidação da literatura negra, ao conceder o protagonismo às mulheres negras, retratando suas dificuldades e necessidades, cenário não diferente de outros contextos, como o estadunidense, apresentado por Collins (2019), que identifica um panorama das reivindicações das mulheres afro-americanas compondo o que denomina como autodefinição positiva perante a representação depreciativa da posição posta para as mulheres negras. Apresentar as diferentes formas de opressão enfrentadas por elas tem sido uma de suas temáticas mais exploradas (Collins, 2019).

Em uma breve recapitulação do que vimos até aqui, apresentamos na primeira parte da pesquisa as duas questões que impossibilitam os personagens homens negros de receber os dividendos do patriarcado, os privilégios de raça e classe, uma vez que não fazem parte de nenhuma delas, com exceção ao gênero, como grupo dominante. Para isso, realizamos uma breve contextualização histórica sobre o processo de colonização ocorrendo a racialização dos povos colonizados e sua inserção no modo capitalista. Vimos também como aparecem essas figuras na literatura contemporânea, que em grande parte reforçam a imagem estereotipada do negro e, por fim, analisamos os personagens homens negros, observando no que envolve as questões raciais e sociais, a autodescoberta enquanto negro, a atualização das explorações após escravização, dentre outros aspectos.

No segundo capítulo, já são discutidas questões referentes ao gênero, como se constrói a imagem de controle do homem negro, sua permanência e impactos no que se refere às mulheres negras, que assim como as questões de classe e raça, surgem no contexto de colonização. Analisando mais especificamente dois aspectos que envolvem o estereótipo recorrente na literatura: a violência patriarcal e a sexualidade, trazendo como são discutidas nos personagens, da prática sexual compulsória de Fio, os atos de violência do marido de Ponciá, por exemplo.

Por fim, no último capítulo buscamos expor algumas comparações que acreditamos serem importantes, desde diálogos entre os dois romances como com outros textos

em busca de evidenciar o encaminhamento considerando o projeto estético da escrevivência, chamando atenção às mudanças dentro desse recorte de obras, indicando mudanças em seu projeto e uma produção que reforça seu engajamento sempre presente nas obras. Além disso, tentamos apontar caminhos fora dos padrões hegemônicos de masculinidade negra, questões que são indicadas nos livros em um processo de autodescoberta dos personagens.

Mesmo que as personagens femininas sejam o centro da literatura de Evaristo, nos deparamos com figuras masculinas complexas, exercendo funções importantes na narrativa, como vimos ao analisar os personagens, a exemplo de vô Vicêncio, quem representa a revolta contra o sistema escravocrata; Luandi e Fio, que questionam o modelo de masculinidade hegemônica, ao qual por um tempo tentaram enquadrar-se. Ficcionalizados a partir do olhar de um sujeito mulher e negra, problematiza questões que afetam esses sujeitos, assim como aqueles que estão em seu convívio. Dentre o que foi discutido, constatamos em um primeiro momento uma internalização da visão negativa sobre o negro, passando a acreditar na imagem de controle que se tem sobre esse mesmo indivíduo, seja de si próprio ou daqueles que o rodeiam: violento, hiperssexualizado, não belo, o desejo por embranquecer para igualar-se ao branco. A partir do momento em que esses personagens entendem que: “[...] o negro não é um homem” (Fanon, p. 22) – admitindo o seu lugar de não pertencimento à norma dominante e, portanto, sua subordinação àqueles que a ela pertencem –, é possível iniciar uma percepção positiva sobre si, a exemplo de Luandi, ao apenas entender a afirmação de Nêngua Kainda quando a herança se cumpre na irmã, que se tornar soldado, parte da instituição, não lhe traria nenhum bem, pois precisaria agir em prol do coletivo e não contra os seus.

Ressaltamos que, como coloca Segato (2018), não devemos “guetificar” a questão de gênero, é necessário pensá-la em um contexto mais amplo, não reduzindo a um problema entre homens e mulheres, mas sim como essas relações ocorrem em seus respectivos contextos históricos e determinam o papel que deverá ser performado por cada um. Identificamos nesse papel dos personagens masculinos um diálogo com o contexto social brasileiro contemporâneo, a presença do racismo estrutural (Almeida, 2021) e do patriarcado articuladas às tensões e conflitos impostos à população negra.

Argumentamos, portanto, que é possível estabelecer uma conexão a partir das experiências dos homens negros com as opressões de classe e, principalmente, de raça com a causa feminista, analisando as vivências de homens negros no que se refere ao gênero como parte da intersecção de opressão dessa categoria, uma vez que, em sociedades patriarcais, os homens sempre aprenderam papéis que restringem e confinam, esse quadro se agrava somados às opressões de classe e raça (Hooks, 2022). O que poderia ser considerado um privilégio, para homens negros, acaba revelando uma posição de subalternidade, mas que, na literatura de Evaristo, mesmo essas imagens presentes, aparecem com intuito de problematizar e ultrapassá-las, mostrando ao longo da própria narrativa caminhos para isso.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ATLAS da Violência 2021. Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: *Revista estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. Trad. Sebastião Nascimento. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 90, p. 131–171, jul. 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CEI, Vitor; PELINSER, A. T. (Org.) ; DINIZ, L. F. M. (Org.) . *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. 1. ed. Vitória: Cousa, 2021.
- CEI, Vitor; PELINSER, A. T. (Org.) ; DINIZ, L. F. M.(Org.); DELMASCHIO, A. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. 1. ed. Vitória, ES: Cousa, 2020.
- CHIZIANE, Paulina. *Nikette: Uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CONRADO, M.; RIBEIRO, A. A. M. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 73–97, jan. 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, Vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 309-337.
- DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 31, p. 87–110, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 9 nov. 2024.

DOS SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DUARTE, Constância Lima. Conceição Evaristo: vozes mulheres voltadas ao homem. *Literafro*. Belo Horizonte (MG), 03 jul. 2023. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1748-conceicao-evaristo-cancao-para-ninar-menino-grande-2-ed%20>> Acesso em: 07 jul. 2023.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna iberistica*, n. 102, p. 259-280, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Faces do negro na literatura brasileira. In: ALMEIDA, Júlia; Siega, Paula. *Literatura e a voz subalterna*. Vitória: Edufes, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo: Etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Trad. Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

KALIL, Pedro; MARTINS, Leda Maria. *Leda Maria Martins*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. Trad. Léa Sússekind Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pensamento Feminista Hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar: 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. Trad. Pê Moreira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pensamento Feminista Hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar: 2019.

MARCELINO, Jacqueline Laranja Leal. *Mulheres negras: tradições orais, artes, ofícios e identidades*. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte*. Arte & Ensaios, n. 32, dez. 2016.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: Significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, p. 29-54, 2008.

ORWELL, G. 1984. Trad. Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAMOS, Silvia et al. *Pele-alvo: a cor da violência policial*. Rio de Janeiro: CESeC, 2023.

RONCOLATO, Murilo. A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil. *Nexo Jornal*, 2018. Disponível em: <<https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>> Acesso em: 04 jan. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A quem serve a relação de dominação da mulher pelo homem? In: SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMYN, Henrique Marques. A escrevivência como fundamento. *Revista Mahin*. Ano 2. N. 3, 12 – 19, 2020.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos. *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos*. 185 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Trad. Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.